

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC RODRIGO RIBEIRO GONÇALVES GARCIA

A INTELIGÊNCIA OPERACIONAL NA FORÇA-TAREFA MARÍTIMA DA
FORÇA INTERINA DAS NAÇÕES UNIDAS NO LÍBANO:
coleta de dados por fontes abertas e o processo decisório

Rio de Janeiro

2020

CC RODRIGO RIBEIRO GONÇALVES GARCIA

A INTELIGÊNCIA OPERACIONAL NA FORÇA-TAREFA MARÍTIMA DA
FORÇA INTERINA DAS NAÇÕES UNIDAS NO LÍBANO:
coleta de dados por fontes abertas e o processo decisório

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Cláudio Muniz Jobim

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2020

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me dado forças nesta jornada de aquisição de novos conhecimentos.

À Marinha do Brasil (MB), agradeço a oportunidade ímpar pela experiência profissional e, principalmente, pela oportunidade por ter participado da Força-Tarefa Marítima da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (FTM-UNIFIL) embarcado em navio da MB nos anos de 2013 e 2017, fato este que permitiu que eu angariasse os conhecimentos necessários que tornaram-se um facilitador na confecção deste trabalho.

À Escola de Guerra Naval, seu corpo docente e administração, pelo apoio irrestrito com o propósito de facilitar o acesso às fontes de pesquisa bibliográficas necessárias para a realização desta pesquisa.

A todos os mantenedores da paz que participaram e participam da FTM-UNIFIL, pelo compartilhamento de experiências colhidas sobre o tema desta pesquisa.

Ao meu orientador, CMG (RM1) Jobim, pelos conselhos e observações sempre pertinentes que me conduziram neste trabalho.

Aos CF Carlos Macedo e CC Carlos Eduardo, pelas orientações seguras para a condução desta pesquisa.

A todos os Oficiais-Alunos da turma C-EMOS 2020, o meu agradecimento pelo compartilhamento de conhecimentos e quaisquer bibliografias encontradas que pudessem ser úteis na confecção deste trabalho.

Aos meus pais José Carlos e Sonia e, em especial, à minha esposa Patrícia, pela paciência e compreensão dos meus momentos de ausência necessários para a conclusão desta pesquisa.

A todos o meu muito obrigado.

RESUMO

Atualmente a tecnologia da informação (TI) vigente maximizou o emprego da inteligência por fontes abertas ou *Open Sources Intelligence* (OSINT) com o propósito de fornecer o conhecimento necessário para o planejamento e execução de operações militares. Dada à natureza das Operações de Manutenção da Paz (OMP) da Organização das Nações Unidas (ONU), bem como devido às restrições financeiras encontradas por essa Organização, a OSINT aparece como fonte de inteligência adequada. O objetivo da pesquisa é avaliar a efetividade da OSINT na inteligência operacional da Força-Tarefa Marítima da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (FTM-UNIFIL), criada em 2006 pela ONU, e comandada por um Almirante brasileiro desde 2011, no assessoramento ao processo decisório do comandante operacional representado pelo comandante da FTM-UNIFIL. Foram utilizadas as metodologias de Richard M. Clark e Robert David Steele Vivas como suporte à produção de conhecimentos de inteligência e de OSINT, respectivamente. As ideias do estrategista estadunidense John Boyd foram empregadas como referência de teoria de decisão para justificar o emprego da OSINT nesse tipo de missão de paz. Para atingir tal objetivo, foi utilizado o método dedutivo e analítico, por meio de pesquisa bibliográfica. Esse trabalho também visa concluir que a OSINT é efetiva na FTM-UNIFIL, desde que complementada por outras fontes de inteligência e também por todos os *stakeholders* envolvidos nessa OMP. O emprego da inteligência por fontes abertas é potencializado desde que aplicada de forma metodológica, por pessoal especializado e no momento adequado. A OSINT pode elevar a capacidade de resposta a ameaças difusas e desconhecidas, características do ambiente operacional complexo e multidimensional da FTM-UNIFIL. Com base nessas análises, a pesquisa também visa concluir que as OMP exigem superioridade e descentralização de informações, de forma a permitir maior liberdade de ação para o nível tático com o propósito de reduzir o tempo de duração do ciclo decisório do comandante operacional.

Palavras-chave: Inteligência operacional. Inteligência por fontes abertas. Força-Tarefa Marítima da Força Interina das Nações Unidas no Líbano. Comandante operacional.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ciclo tradicional de inteligência	14
Figura 2 – Ciclo de inteligência centrado no objetivo	15
Figura 3 – Sobreposição das fontes de inteligência	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMO -	Área Marítima de Operações
ABIN -	Agência Brasileira de Inteligência
CDN -	Conselho de Defesa Nacional
CIA -	Agência Central de Inteligência (<i>Central Intelligence Agency</i>)
COMINT -	Inteligência de comunicações (<i>Communications Intelligence</i>)
CSM -	Consciência Situacional Marítima
C2 -	Comando e Controle
DI -	Departamento de Inteligência
DPKO -	Departamento de Operações de Manutenção de Paz (<i>Department of Peacekeeping Operations</i>)
ELINT -	Inteligência eletrônica (<i>Electronic Intelligence</i>)
ESG -	Escola Superior de Guerra
EUA -	Estados Unidos da América
FA -	Forças Armadas
FISINT -	Inteligência de sinais por instrumentação estrangeira (<i>Foreign Instrumentation Signals Intelligence</i>)
FTM -	Força-Tarefa Marítima
FTM-UNIFIL-	Força-Tarefa Marítima da Força Interina das Nações Unidas no Líbano
GEOINT -	Inteligência geospacial (<i>Geospatial Intelligence</i>)
HUMINT -	Inteligência de fontes humanas (<i>Human Intelligence</i>)
IMINT -	Inteligência de imagens (<i>Imagery Intelligence</i>)
JMAC -	Centro de Análise de Missão Conjunta (<i>Joint Mission Analysis Centre</i>)
LAF-N	Marinha do Líbano (<i>Lebanese Armed Forces Navy</i>)
MASINT -	Inteligência de medição e assinatura (<i>Measurement and Signature Intelligence</i>)
MB -	Marinha do Brasil
MD -	Ministério da Defesa
OIM -	Operações de Interdição Marítima
OMP -	Operação de Manutenção da Paz
ONU -	Organização das Nações Unidas
OODA	Observação, orientação, decisão e ação
OSINT -	Inteligência por fontes abertas (<i>Open Sources Intelligence</i>)
PKI -	Inteligência nas Operações de Manutenção da Paz (<i>Peacekeeping intelligence</i>)
PNI -	Política Nacional de Inteligência
SAE/PR	Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República

SFICI -	Serviço Federal de Informações e Contra-Informações
SIGINT -	Inteligência de sinais (<i>Signals Intelligence</i>)
SNI -	Serviço Nacional de Informações
TECHINT -	Inteligência técnica (<i>Technical Intelligence</i>)
TELINT -	Inteligência telemétrica (<i>Telemetry Intelligence</i>)
TI -	Tecnologia da informação
UNIFIL -	Força Interina das Nações Unidas no Líbano (<i>United Nations Interim Force in Lebanon</i>)
URSS -	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
VUCA -	Volátil, incerto, complexo, ambíguo (<i>volatil, uncertain, complex, ambiguous</i>)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA	10
2.1	Definição da atividade de inteligência	10
2.2	Breve histórico	12
2.3	Ciclo de inteligência	13
2.4	Inteligência operacional	15
2.5	Atividade de inteligência na ONU	19
2.5.1	Definição de uma Operação de Manutenção de Paz (OMP)	19
2.5.2	Breve histórico	20
2.5.3	Conceito de atividade de inteligência em OMP da ONU	22
2.6	Conclusões parciais	23
3	EMPREGO DA OSINT NA ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA	25
3.1	Histórico, definição e uma metodologia para OSINT	25
3.1.1	Definição de OSINT	25
3.1.2	Histórico da OSINT	26
3.1.3	Metodologia para OSINT	28
3.2	Fontes de inteligência	29
3.3	Emprego de OSINT nas OMP da ONU	31
3.4	Emprego de OSINT na FTM-UNIFIL	33
3.5	Conclusões parciais	38
4	CICLO DE DECISÃO DE BOYD APLICADO À OSINT NA FTM-UNIFIL	40
4.1	Ciclo de Boyd	40
4.2	Ciclo “OODA” aplicado à OSINT na FTM-UNIFIL	44
4.2.1	Adaptação ao ambiente	44
4.2.2	Superioridade nas informações	45
4.2.3	Descentralização de informações	48
4.3	Conclusões parciais	49
5	CONCLUSÃO	51
	REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A inteligência por fontes abertas ou *open sources intelligence* (OSINT) desempenha um papel importante na coleta de dados na era da informação¹. A utilização efetiva da OSINT pode melhorar o processo decisório das autoridades, civis ou militares, além de permitir a melhor alocação de recursos financeiros em outras áreas de conhecimento para as quais a utilização de inteligência classificada² é inevitável, pelo fato da OSINT ser menos dispendiosa. O propósito deste trabalho é avaliar a efetividade do emprego da inteligência por fontes abertas no assessoramento ao processo decisório do comandante operacional da Força-Tarefa Marítima da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (FTM-UNIFIL), no período entre 2011 e 2020. Cabe lembrar que a FTM-UNIFIL foi criada em 2006 para atuar na costa marítima libanesa com o propósito de impedir a entrada de armamento não autorizado, ou material relacionado, por via marítima para o Líbano.

A inteligência por fontes abertas exerce uma contribuição importante, maximizada pela tecnologia da informação (TI), no contexto das Operações de Manutenção da Paz (OMP) da Organização das Nações Unidas (ONU).

Assim sendo, para atingir o propósito do trabalho, a pesquisa se propõe a responder ao seguinte questionamento: o emprego da OSINT em proveito da inteligência operacional da FTM-UNIFIL é efetivo para o assessoramento ao processo decisório do comandante operacional?

A metodologia empregada nesta pesquisa é o da teoria comparada com a realidade, por meio de estudo dedutivo e analítico, utilizando-se de pesquisa bibliográfica.

O escopo deste trabalho inclui uma visão geral da atividade de inteligência com foco em fontes abertas e avalia o emprego da OSINT no planejamento da ONU e da FTM-

¹ Era em que as comunicações tornam-se globais onde há o acesso irrestrito à informação (VISACRO, 2018).

² Inteligência oriunda de fontes reservadas. Grau de sigilo atribuído aos dados ou informações com revelação não-autorizada (BRASIL, 2015).

UNIFIL com atenção voltada para o nível operacional³, ainda que os outros níveis de decisão também sejam abordados.

O trabalho será apresentado em quatro capítulos. Após esta introdução, serão apresentados, no segundo capítulo, os conceitos teóricos da atividade de inteligência e as metodologias aplicadas, bem como será analisada a referida atividade sob a perspectiva da ONU.

No capítulo seguinte, será contextualizada a OSINT no âmbito das OMP da ONU, bem como a sua aplicabilidade em diversas tarefas inerentes à FTM-UNIFIL.

No capítulo quatro, será apresentado um modelo de ciclo decisório e realizaremos o confronto entre o emprego da OSINT na FTM-UNIFIL e a teoria de decisão do estrategista estadunidense John Boyd, de forma que a utilização da inteligência por fontes abertas seja justificada neste tipo de OMP.

No último capítulo, será apresentada a conclusão do trabalho, mas também serão indicadas linhas de investigação futura, bem como oportunidades de melhoria para o estudo do tema na MB.

A seguir, será apresentada a abordagem teórica da atividade de inteligência, bem como metodologias a ela aplicadas e peculiaridades desta atividade no âmbito da ONU.

³ Um dos níveis de condução da guerra. Nível que compreende o planejamento e a condução das operações militares (BRASIL, 2015).

2 ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA

Neste capítulo, será abordada a atividade de inteligência, bem como sua importância no assessoramento no processo decisório. Será apresentada a evolução e a onipresença desta atividade ao longo do tempo e o seu relacionamento com os conflitos armados. Além disso, serão analisadas metodologias para produção de conhecimentos, segundo Robert M. Clark, que exerceu a função de consultor independente para análise de ameaças para a comunidade de inteligência estadunidense, incluindo serviços prestados como militar exercendo a função de oficial de inteligência e também como analista sênior na Agência Central de Inteligência (CIA)(CLARK, 2016). Em seguida, será definida inteligência operacional, com atenção voltada para o campo militar e, por fim, será abordada a atividade de inteligência no ambiente da ONU.

O capítulo estruturar-se-á em cinco seções: a primeira contará com a definição da atividade de inteligência; a segunda conterá um breve histórico a fim de demonstrar a presença da inteligência ao longo do tempo; a terceira abordará os modelos de ciclo de inteligência segundo Clark (2016); na quarta será definido o conceito de inteligência operacional; na quinta será delimitada a atividade de inteligência para o contexto da ONU; e na última seção serão apresentadas as conclusões parciais.

2.1 Definição da atividade de inteligência

A definição da atividade de inteligência requer uma atenção especial, pois necessita de uma delimitação em seu escopo, pois tal conceito é normalmente encontrado, como um marco introdutório, em todas as literaturas sobre OSINT.

Segundo a Política Nacional de Inteligência (PNI) (2016), documento de mais

alto nível de orientação da atividade de inteligência no Brasil, trata-se do exercício permanente de ações especializadas, voltadas para a produção e difusão de conhecimentos, com vistas ao assessoramento das autoridades governamentais.

De acordo com Gonçalves (2009), a inteligência como atividade ou processo refere-se aos meios pelos quais certos tipos de informação são requeridos, reunidos (por meio de coleta ou busca), analisados e difundidos. Esse processo segue uma metodologia própria, denominada de “produção do conhecimento”.

No âmbito militar e conforme o Glossário das Forças Armadas do Ministério da Defesa (MD), trata-se de atividade baseada em processo mental, que tem por finalidade produzir e salvaguardar conhecimento de interesse (BRASIL, 2015).

Em razão do exposto, percebemos o emprego do termo “conhecimento” nas definições, que representa o produto final da inteligência. Depreendemos também que a inteligência possui dois focos; primeiramente a metodologia aplicada para produção de conhecimentos e, secundariamente, mas não menos importante, o assessoramento ao processo decisório, que é a sua finalidade.

Por outro lado, verificamos que ainda existe uma falta de compreensão preocupante no que se refere à definição de inteligência no meio militar. Normalmente ela é confundida com “contrainteligência”⁴, que possui definição e metodologia próprias, mas que não será foco de análise deste trabalho.

A seguir, apresentaremos um breve histórico da atividade de inteligência.

⁴ Ramo da atividade de inteligência que desenvolve ações especializadas destinadas à prevenção e contraposição à atuação da inteligência adversa e a outras ações que constituam ameaças à salvaguarda de documentos e dados sensíveis, pessoas, áreas e instalações de interesse da sociedade e do Estado (BRASIL, 2015).

2.2 Breve histórico

John Keegan (1934-2012) aborda a inteligência desde a época das navegações, quando a principal dificuldade era a obtenção de conhecimentos válidos em qualquer lapso de tempo, e termina sua abordagem na era moderna, em que há todo tipo de inteligência. A tese de seu livro é que, na guerra, a inteligência, por melhor que seja, não é um guia infalível para vitória. A inteligência é a serva, não a amante, do guerreiro (KEEGAN, 2006).

Segundo Sun Tzu (544 A.C – 496 A.C), estrategista de guerra chinês, o conhecimento das disposições do inimigo só pode ser obtido por meio de homens que saibam buscar as informações, ou seja, por espionagem, também chamada de inteligência (TZU, 2015).

Conforme a Doutrina Nacional da Atividade de Inteligência (2016), a atividade, como parte burocrática do Estado, originou-se de quatro matrizes institucionais e históricas: economia, guerra, diplomacia e polícia.

No Brasil, e ainda de acordo com a doutrina citada, a atividade de inteligência como instrumento de assessoria ao Poder Executivo teve início em 1927, com a criação do Conselho de Defesa Nacional (CDN). A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi um marco para estruturação da atividade, culminado com a criação do Serviço Federal de Informações e Contra-Informações (SFICI) em 1946. A instalação de um governo militar, em março de 1964, foi determinante para a criação do Serviço Nacional de Informações (SNI), em 13 de junho de 1964, sob a égide da Doutrina de Segurança Nacional, elaborada na Escola Superior de Guerra (ESG). Após a Guerra Fria (1947-1991), a atividade de inteligência no Brasil esteve subordinada às Secretarias da Presidência da República, passando a ser desempenhada pelo Departamento de Inteligência (DI), subordinado à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE/PR). Em 1999, foi

criada a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), responsável pela profissionalização da inteligência.

Dessa forma, observamos a presença da inteligência ao longo da história, tendo a guerra como um de seus antecedentes. Maior exemplo disso é a utilização dos termos “informações” e “espionagem”, que a caracterizaram no passado. Além disso, percebemos que a inteligência é o “pensar” da guerra e constitui tão somente assessoria ao processo de tomada de decisão, que é a sua principal finalidade.

Considerando as ideias apresentadas e adequando-as ao nosso contexto temporal, ou seja, à era da informação, o aumento significativo da quantidade de informações⁵ disponíveis requer efetividade crescente na produção de conhecimentos⁶ úteis, sob pena de gerar sobrecarga de informação e desinformação⁷.

A seguir, estudaremos a metodologia para produção de conhecimentos, segundo Clark (2016).

2.3 Ciclo de inteligência

É também conhecido como “processo da inteligência” o método pela qual a informação é reunida, convertida em inteligência e disponibilizada aos consumidores, ou seja, aos tomadores de decisão (GONÇALVES, 2009).

De acordo com Clark (2016), o ciclo tradicional de inteligência (FIG. 1) é dito como uma ordenação cíclica, lógica e linear iniciado com o “problema de inteligência”, representado pelas necessidades requeridas. Logo em seguida, é realizada a fase de

⁵ Informação é o conhecimento sobre coisa ou evento passado ou presente, resultante de raciocínio, que expressa o estado de certeza do profissional de inteligência em relação à verdade (BRASIL, 2016).

⁶ Conhecimento é a representação de coisa ou evento real ou hipotético, de interesse para atividade de inteligência, produzida pelo profissional de inteligência (BRASIL, 2016).

⁷ Técnica especializada utilizada para iludir ou confundir um centro decisor, por meio de manutenção planejada de informações falsas ou verdadeiras, visando, intencionalmente, a induzi-lo a erro de avaliação (BRASIL, 2015).

planejamento ou direção, em que são determinados os procedimentos a serem adotados para responder às necessidades de inteligência. O ciclo então procede para a coleta ou reunião de informações. A partir desse momento, as informações são processadas e é iniciada a fase de análise, em que o “produto final” é revisado, ou seja, o conhecimento produzido, que deve ser disseminado para o decisor. A partir desse ponto, o ciclo é reiniciado.

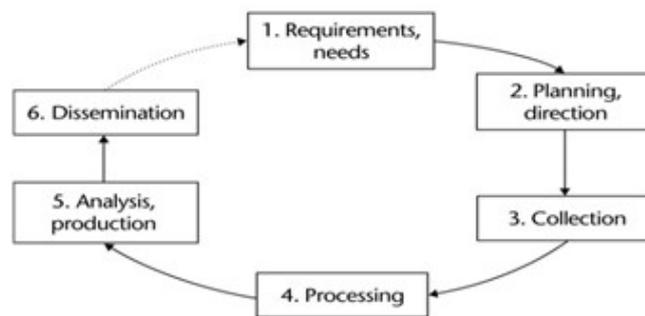


Figura 1 – Ciclo tradicional de inteligência. Fonte: CLARK, 2016.

Clark (2016) menciona as razões do não funcionamento desse ciclo, das quais destacam-se o não compartilhamento no fluxo de informações, inexistência de *feedback*⁸ no ciclo, falta de interação entre as fases das necessidades e disseminação, tentativa de tornar um processo não linear⁹ como sendo linear e a necessidade de utilização de uma estrutura em rede com a participação de todos os *stakeholders*¹⁰ com foco no conhecimento a ser produzido.

Clark (2016) também afirma que a comunidade de inteligência dos Estados Unidos da América (EUA) tem implementado um conceito de ciclo “centrado no objetivo” (FIG. 2), ou seja, uma visão holística e integrada de todos os esforços dos colaboradores do ciclo, internos ou externos, voltada para os conhecimentos a serem produzidos.

⁸ Equivale à realimentação do ciclo com o propósito de verificar se o conhecimento produzido atendeu à necessidade de inteligência ou se há a necessidade de retornar a uma fase anterior no ciclo para uma nova avaliação (CLARK, 2016).

⁹ Processo que pode voltar a diferentes fases do processo para alcançar a solução. Não possui uma ordenação lógica (CLARK, 2016).

¹⁰ Incluem os responsáveis pela coleta, processo, analistas, decisores e aqueles que planejam os sistemas de apoio à metodologia (CLARK, 2016).

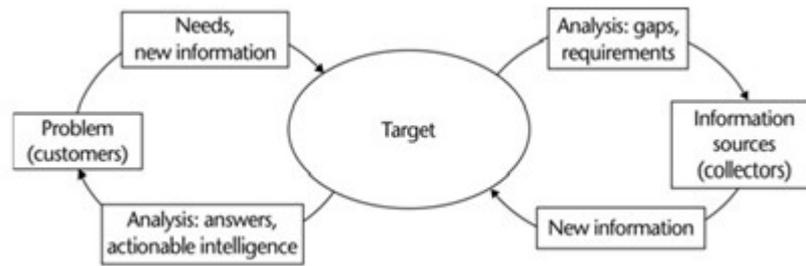


Figura 2 – Ciclo de inteligência centrado no objetivo. Fonte: CLARK, 2016.

Uma vez estudados os modelos de ciclos propostos por Clark (2016), passaremos a utilizá-los como referência para o estudo do ciclo de inteligência no meio militar, área de interesse deste trabalho, ainda que esses modelos possam ser utilizados em outras áreas de conhecimento.

Tendo em vista a análise da metodologia para produção de conhecimentos, passaremos a diferenciar a atividade de inteligência quanto aos níveis de condução da guerra e também quanto aos níveis de utilização da inteligência com enfoque na inteligência operacional.

Adiante, analisaremos a inteligência operacional.

2.4 Inteligência operacional

Uma vez que a guerra é uma das origens históricas da inteligência, há a necessidade de definirmos o seu conceito, bem como relacionar os seus níveis de condução¹¹ aos níveis de utilização da inteligência.

Segundo Carl Von Clausewitz (1780-1831), um dos principais estrategistas militares da história, em sua obra histórica *On War*¹², a guerra é descrita como um ato de força

¹¹ Escalões em que é organizada a gestão da guerra, aos quais são atribuídas as responsabilidades e atividades inerentes ao esforço de guerra. São escalonadas nos níveis de decisão político (definição dos objetivos da guerra), estratégico (nível responsável pela transformação das orientações políticas em ações estratégicas), operacional (nível que compreende o planejamento militar e a condução das operações requeridas na guerra) e tático (nível responsável pelo emprego de frações militares organizadas) (BRASIL, 2015).

¹² No termo em português *Da Guerra* de Clausewitz (Tradução de Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. Versão em inglês de Howard e Paret, 1984).

para obrigar o nosso inimigo a fazer a nossa vontade (CLAUSEWITZ, 1984).

No campo militar, e de acordo com o Glossário das Forças Armadas, guerra é o conflito no seu grau máximo de violência. No sentido clássico, caracteriza um conflito, normalmente entre Estados, envolvendo o emprego de suas Forças Armadas (FA) (BRASIL, 2015).

Uma concepção mais abrangente é que a guerra prescreve a prontidão de todos os meios disponíveis, a onipresença da informação e a presença em campo de batalha em todos os lugares (LIANG; XIANGSUI, 1999).

Pelos pontos de vista apresentados, percebemos que houve uma evolução da concepção de guerra ao longo da história da humanidade. A guerra, antes descrita como convencional¹³ e limitada¹⁴, transformou-se em guerra de informação¹⁵, guerra cibernética¹⁶, guerra irregular¹⁷, guerra centrada em redes¹⁸, guerra assimétrica¹⁹, ou na aglutinação desses conceitos, que é a chamada “guerra híbrida”²⁰. Por outro lado, observamos que a natureza da guerra não mudou, ou seja, essa continua sendo um conflito entre atores²¹ beligerantes com o propósito de vencer o inimigo.

Portanto, a mudança na concepção da guerra implicou na adaptação da atividade de inteligência às novas formas de combate e à TI atualmente vigente. Nesse quesito, observamos o quão importante tornou-se o domínio da informação.

¹³ Conflito armado realizado dentro dos padrões clássicos e com emprego de armas convencionais (BRASIL, 2015).

¹⁴ Conflito armado entre Estados ou coligação de Estados em espaço geográfico restrito (BRASIL, 2015).

¹⁵ Conjunto de ações destinadas a obter a superioridade das informações (BRASIL, 2015).

¹⁶ Corresponde ao uso ofensivo e defensivo de informação e sistemas de informação para negar, explorar, corromper, degradar ou destruir as capacidades de comando e controle do adversário (BRASIL, 2015).

¹⁷ Conflito armado executado por forças não regulares ou por forças regulares empregadas fora dos padrões normais convencionais (BRASIL, 2015).

¹⁸ Guerra que reúne em rede os mais diversos elementos que vão desde a coleta até a distribuição de informações críticas (BRASIL, 2015).

¹⁹ Conflito caracterizado pelo emprego de meios não-convencionais contra o oponente, normalmente pela parte que se encontra inferiorizada em meios de combate (BRASIL, 2015).

²⁰ Abrange guerra convencional, guerra irregular, guerra cibernética, insurgência, guerra étnica e “lawfare” (interpretação da lei a uma finalidade conveniente). Alvos da guerra híbrida são sociedades inteiras e não apenas as forças militares (LOVELACE JR, 2016).

²¹ Entendam-se os indivíduos, Estados e governos, coalizões, redes terroristas e organizações criminosas, além de corporações multinacionais e organizações não governamentais (BRASIL, 2020).

Definido o conceito de guerra, passaremos às diferenciações dos níveis de utilização da inteligência quanto aos níveis de condução da guerra. Nesse aspecto, o fortalecimento da opinião pública, a onipresença dos órgãos de imprensa, o acesso irrestrito aos meios de comunicação de massa, a disseminação da informação digital, a globalização da informação e o alcance ilimitado às mídias sociais levaram ao achatamento dos níveis de condução da guerra (VISACRO, 2018).

Quanto aos níveis de utilização da inteligência, e empregando o ambiente marítimo como referência, a inteligência tática, corresponde ao planejamento, preparação e execução de ações táticas navais. A inteligência estratégica fornece informações para a formulação da política e segurança nacionais, bem como para a estratégia militar. A inteligência operacional é usada para o planejamento, preparação e execução de operações navais. É o produto da fusão da inteligência tática com a inteligência estratégica. Analisa o conflito em um contexto mais amplo e por um período maior. Todos os três níveis de inteligência, em um teatro marítimo, estão interligados e mutuamente dependentes. Abrangem aspectos intangíveis²² do inimigo, tais como moral, vontade de lutar e liderança (VEGO, 2009a).

Nesse caso, observamos que a diferenciação entre os níveis de condução da guerra e entre os níveis de utilização da inteligência está cada vez mais difícil devido à revolução da informação que os torna sobrepostos no tempo e no espaço. O domínio da informação torna a inteligência relevante para todos os níveis de condução da guerra ao mesmo tempo.

O comandante operacional depende de informações provenientes da inteligência estratégica, tais como as atinentes às áreas política, economia, social e religiosa, e também da

²² Corresponde às relações humanas, como a coesão de uma aliança, força de apoio público, qualidade da liderança, moral e disciplina, vontade de lutar e motivação de combate. São considerados elementos imensuráveis. (VEGO, 2009).

inteligência tática, tais como as referentes a aspectos físicos e tangíveis²³ do inimigo, com o propósito de obter uma melhor consciência situacional (VEGO, 2009a).

Quanto ao nível operacional, no âmbito da Doutrina de Operações Conjuntas do MD, a inteligência é produzida para um comando operacional ativado (BRASIL, 2011b). Por outro lado, e quanto à Doutrina de Inteligência Conjunta estadunidense, a inteligência operacional é produzida para os comandantes combatentes²⁴ (USA, 2013).

Isso posto, depreendemos que a descentralização de comandos operacionais confere maior direcionamento e velocidade nas informações necessárias, bem como menor tempo de reação para o ciclo decisório de um comandante militar.

Segundo Clark (2016), a inteligência operacional foca nas capacidades e intenções do inimigo sendo definida como a inteligência requerida para planejar e executar operações específicas constituindo uma atividade preditiva com o objetivo de reduzir a incerteza na avaliação das linhas de ação a serem seguidas.. A inteligência operacional inicia antes e continua durante as operações em si. Seu objetivo é o estudo da área de operações, bem como do poder combatente do inimigo, mantendo todos os envolvidos familiarizados com os eventos dentro de suas áreas de responsabilidade.

Dessa maneira, podemos deferir que há um entendimento comum quanto ao caráter contínuo e preditivo da inteligência operacional, seja em situação de normalidade, por ocasião dos planejamentos, ou, em situação de conflito, por ocasião das operações militares em si. Por outra perspectiva, percebemos também que a OSINT oferece uma importante contribuição à inteligência operacional no tocante às características da área de responsabilidade²⁵ e o poder combatente do inimigo.

²³ Corresponde às armas e equipamentos, mobilidade física, potência de fogo, logística, organização. São considerados elementos mensuráveis (VEGO, 2009).

²⁴ São os comandos operacionais estadunidenses. Os onze comandos combatentes são divididos em funcionais, que não são limitados por fronteiras geográficas, e geográficos, que operam em áreas geográficas definidas. Disponível em <<https://dod.defense.gov/>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

²⁵ Incluem os fatores gerais (condições políticas, econômicas, psicossociais e científico-tecnológicas) e fatores fixos (hidrografia, terreno e topografia, clima e meteorologia, períodos diurno e noturno, pontos de importância operacional, linhas de transporte e suprimento, condições sanitárias, instalações operacionais e

A seguir e tendo em vista os conceitos até então apresentados, será contextualizada a atividade de inteligência no âmbito da ONU, uma vez que a FTM-UNIFIL faz parte do objeto deste trabalho.

2.5 Atividade de inteligência na ONU

Nesta seção, a atividade de inteligência será restrita ao âmbito da ONU. Neste momento, há a necessidade definirmos o conceito de uma OMP, bem como o seu histórico e suas novas necessidades ao longo do tempo, onde essas transcendem a execução de tarefas propriamente militares. Nesse contexto, a inteligência adquire uma relevância ainda maior, uma vez que há um aumento no seu campo de abrangência, ainda que essa seja limitada por interesses políticos envolvidos entre os Estados e pela natureza da ONU.

Esta seção será estruturada em três subseções: na primeira constará a definição de OMP da ONU; a segunda conterà um breve histórico da inteligência naquela Organização; e a terceira apresentará o conceito, propriamente dito, da inteligência na ONU.

2.5.1 Definição de uma Operação de Manutenção de Paz (OMP)

Em um primeiro momento é necessário diferenciar as OMP das operações de Diplomacia Preventiva²⁶, Promoção da Paz²⁷, Imposição da Paz²⁸ e Consolidação da Paz²⁹.

Segundo o Manual de Operações de Paz do MD, as OMP tratam das atividades,

comunicações na área) na condução das operações militares (BRASIL, 2011a).

²⁶ Compreendem as atividades destinadas a prevenir o surgimento de disputas entre as partes, a evitar que as disputas degenerem em conflitos armados (BRASIL, 2013).

²⁷ Designa as ações diplomáticas posteriores ao início do conflito, para levar as partes litigantes a suspender as hostilidades e negociar (BRASIL, 2013).

²⁸ Inclui o uso da força armada para manter ou restaurar a paz e a segurança internacionais (BRASIL, 2013).

²⁹ Refere-se às iniciativas voltadas para o tratamento dos efeitos do conflito, visando fortalecer o processo de reconciliação por meio de projetos destinados a recompor as estruturas institucionais, a recuperar a infraestrutura física e a ajudar na retomada da atividade econômica (UN, 2008).

com o consentimento das partes em conflito, por militares, policiais e civis, para implementar ou monitorar a execução de arranjos relativos ao controle de conflitos (BRASIL, 2013).

Há três princípios básicos que caracterizam as OMP da ONU como uma ferramenta para manter a paz e a segurança internacionais, quais sejam, o consentimento das partes³⁰, a imparcialidade³¹ e o não uso da força, exceto em legítima defesa do mandato³²(ONU, 2008).

Em vista disso, observamos que as operações de paz passaram a estar inseridas em contextos não propriamente militares, tais como processos políticos, proteção de direitos humanos, reestruturação dos Estados e, principalmente, proteção de civis. Ademais, percebemos também que o princípio básico da imparcialidade nas OMP nos remete uma ideia de limitação da atividade de inteligência na ONU, uma vez que há uma dicotomia entre o compartilhamento de inteligência entre os Estados envolvidos, limitado por interesses políticos, e as necessidades de inteligência requeridas para o cumprimento de uma determinada missão em uma operação de paz.

A seguir, passaremos a um breve histórico das OMP da ONU.

2.5.2 Breve histórico

De acordo com o *site* oficial das OMP da ONU (2020), essas foram iniciadas em 1948, quando o Conselho de Segurança da ONU autorizou o envio de observadores militares daquela Organização para o Oriente Médio. A manutenção da paz da ONU nasceu em um momento em que as rivalidades da Guerra Fria frequentemente paralisavam seu Conselho de Segurança.

³⁰ Trata-se do consentimento das principais partes em conflito (UN, 2008).

³¹ Não deve ser confundida como neutralidade ou inatividade. As Forças de manutenção da paz da ONU devem ser imparciais em suas relações com as partes no conflito, mas não neutras na execução do seu mandato (UN, 2008).

³² As OMP podem usar a força no nível tático, com a autorização do Conselho de Segurança da ONU, se agirem em legítima defesa ou defesa do mandato (UN, 2008).

Nesse contexto, o Brasil possui um forte histórico de contribuição em OMP da ONU. Desde 1948 e até os dias de hoje, o País tem contribuído com seis missões de manutenção da paz e com componentes de Estado-Maior, bem como observadores em 41 missões. Atualmente, o Brasil contribui com 291 militares em 9 missões incluindo 9 mulheres. A maior contribuição tem sido despendida na UNIFIL(CIASC, 2010).

Depreendemos que as atividades de inteligência da ONU, realizadas no contexto da Guerra Fria entre os EUA e ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), eram restritas e limitadas pelo cenário geopolítico daquela época, em que a inteligência era associada à espionagem. Por outro foco, observamos o papel de importância desempenhado pelo Brasil nas OMP, fato este que projeta o País como um ator global no cenário internacional, com relevância dentro da ONU.

Segundo o *site* oficial das OMP da ONU (2020), o contexto estratégico para as OMP da ONU mudou drasticamente após o fim da Guerra Fria. A ONU mudou e expandiu suas operações “tradicionais”³³, envolvendo tarefas de observação, geralmente realizadas por militares, para as “multidimensionais”³⁴. As OMP, originalmente desenvolvidas como um meio de lidar com conflitos entre Estados, estavam sendo cada vez mais aplicadas em conflitos intra-Estados e guerras civis.

Diante disso, as operações “multidimensionais” necessitavam de inteligência compatível e suficiente para a tomada de decisões, uma vez que ambientes permissivos foram transformados em ambientes complexos nas operações de paz.

Nesse contexto, o chamado relatório *Brahimi*³⁵, elaborado pela ONU, pedia o aumento da coleta e análise de informações sobre os atores relevantes em uma determinada

³³ Operações de caráter essencialmente militar que desempenham um papel direto nos esforços políticos para resolver o conflito (UN, 2008).

³⁴ São operações que desempenham papel direto nos esforços políticos para resolver o conflito com a finalidade de promover o diálogo político nacional e a reconciliação. Gozam de alto grau de legitimidade internacional o que lhe dá considerável influência sobre as partes envolvidas no conflito (UN, 2008).

³⁵ Relatório publicado pela ONU em 2000, que recomendava que as operações de paz da ONU exigiam uma abordagem mais robusta e proporcional à inteligência e outras capacidades necessárias para as operações “multidimensionais” (UN, 2000).

área de missão. Além disso, o relatório afirmava que a ONU não possuía um sistema para processar informações sobre áreas de conflito, ou seja, um sistema que abrange a coleta, análise e disseminação dos conhecimentos produzidos (UN, 2000).

Portanto, observamos que o contexto contemporâneo das operações de paz da ONU possuía novas necessidades de inteligência, uma vez que essas já não atendiam às operações multidimensionais.

A seguir, definiremos a atividade de inteligência no âmbito das OMP da ONU.

2.5.3 Conceito de atividade de inteligência em OMP da ONU

A inteligência nas OMP, ou “*peacekeeping intelligence*” (PKI), é uma nova forma de inteligência que emprega, predominantemente, fontes abertas de informação, ou OSINT, e as sintetiza com fontes humanas e técnicas para criar uma perspectiva holística nos níveis estratégico, tático e operacional, enfatizando um amplo compartilhamento de informações. Além disso, a PKI oferece uma nova avaliação do papel dinâmico dos desafios da inteligência nas atividades de manutenção da paz e coloca-a no contexto social, econômico e político mais amplo (CARMENT; RUDNER, 2019).

Robert David Steele Vivas (1952), umas das referências nesta matéria, define PKI como a exploração ativa de informações e TI para atingir objetivos. Os três elementos mais importantes, por ordem de prioridade, na PKI são a OSINT, a TI e a contrainteligência (STEELE, 2001).

Sendo assim, observamos que a OSINT aparece como fonte de inteligência apropriada para a PKI, pois além de ser barata, quando comparada às fontes classificadas de inteligência, possui grande poder de penetração em ambientes complexos característicos das OMP. Nesse contexto, a OSINT pode fornecer informações históricas, políticas, econômicas,

sociais, demográficas, técnicas, naturais, geográficas e de mídias como um todo. Também oferece o acesso a uma ampla variedade de informações taticamente úteis, que servem de base para o entendimento de ambientes não-tradicionais, observados nas OMP.

Sherman Kent (1903-1986), considerado “pai” da análise da inteligência segundo Clark (2016), sintetizou a inteligência sob três concepções: a primeira delas é como conhecimento; a segunda como organização; e a terceira como atividade. Além disso, Kent já defendia que não há nada mais importante nas informações do que relações adequadas entre o seu pessoal e os utilizadores do produto de seu trabalho (KENT, 1967).

Nesse tópico, depreendemos que a PKI está em evolução nos aspectos da inteligência considerados por Kent. Como conhecimento, os comandantes das missões necessitam cada vez mais das informações sobre os diversos atores envolvidos. Como organização, as OMP caminham para institucionalização da inteligência. A criação do Centro de Análises de Missões Conjuntas ou *Joint Mission Analysis Centre (JMAC)*³⁶ é o maior exemplo disso. Como atividade, exige a participação de todos os colaboradores envolvidos no processo e ainda carece de uma estrutura em rede de informações com todos os atores envolvidos nas OMP.

A seguir, passaremos às conclusões parciais.

2.6 Conclusões parciais

Neste capítulo, analisamos a atividade de inteligência, os modelos teóricos de ciclos de inteligência propostos por Clark (2016), definimos o contexto da inteligência operacional e limitamos a atividade de inteligência no âmbito da ONU.

³⁶ Conceito empregado pelo Departamento de Operações de Manutenção da Paz (DPKO) em 2006 para fornecer análises em toda a missão para apoiar aspectos estratégicos, operacionais e táticos em missões de paz. Foram concebidos como ativos essenciais da missão, fornecendo informações integradas e avaliação preditiva para apoiar a tomada de decisões (UN, 2008).

Primeiramente, escolhemos a melhor definição para o estudo da atividade de inteligência, de forma que essa seja realizada por meio de um método próprio para atender a um determinado propósito. Nesse ponto, chegamos à conclusão parcial que a inteligência deve ser vista como método, também como conhecimento e, sobretudo, como assessoramento ao processo decisório.

Em um segundo momento, foi abordada a evolução da inteligência ao longo do tempo, passando de coleta de informações, observações e espionagem até os dias de hoje, onde há um demasiado volume de dados existentes, devido à era da informação. Nessa matéria, depreendemos que a atividade de inteligência é adequada ao seu tempo e à necessidade, porém, devemos ter atenção quanto à desinformação.

Logo em seguida, nos deparamos com dois modelos de ciclo de inteligência propostos por Clark (2016) e verificamos uma evolução em sua concepção. Diante disso, depreendemos que, embora não haja uma padronização dos ciclos de inteligência, esses devem ser adequados à efetividade requerida para a tomada de decisão na era da informação.

A posteriori, observamos a necessidade de adequação dos níveis de utilização da inteligência às novas concepções de guerra e seus níveis de condução. Desse modo, podemos inferir que a necessidade da informação é adequada às novas necessidades dos conflitos armados.

Por fim, observamos como a atividade de inteligência nas OMP da ONU evoluiu ao longo da história como conhecimento, organização e atividade. Dessa maneira, depreendemos que a atividade de inteligência da ONU deve ser adequada ao novo contexto das operações “multidimensionais” daquela Organização.

A seguir será estudada a OSINT nas OMP da ONU, de uma forma geral, bem como na FTM-UNIFIL.

3 EMPREGO DA OSINT NA ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA

Neste capítulo, limitaremos a atividade de inteligência ao contexto da OSINT. Será apresentado um breve histórico, definição e uma metodologia para a OSINT, segundo Steele (2001). Discorreremos também sobre a maneira como as fontes de inteligência se relacionam e se complementam com a OSINT. A partir deste ponto, abordaremos o emprego da OSINT nas OMP da ONU delimitando o seu emprego no âmbito da FTM-UNIFIL.

A seguir, serão apresentados o histórico, uma definição e uma metodologia para OSINT.

3.1 Histórico, definição e uma metodologia para OSINT

Nesta seção, abordaremos a presença da OSINT ao longo da história, bem como sua evolução e institucionalização ao longo do tempo. Analisaremos também uma melhor definição e metodologia para a inteligência por fontes abertas segundo Steele (2001).

A seção será estruturada em três subseções: a primeira delas apresentará a definição de OSINT, a segunda conterà um breve histórico, e a terceira abordará uma metodologia propriamente dita.

3.1.1 Definição de OSINT

Steele (2007) define OSINT como sendo informação desclassificada que tem sido deliberadamente descoberta, destilada e disseminada para um público seletivo em atendimento a uma finalidade específica fornecendo uma base sólida para as demais fontes de inteligência. O próprio menciona que a inteligência deveria se concentrar na aplicação de uma

metodologia para melhorar os conhecimentos produzidos pela OSINT, pois esses podem reduzir a demanda na coleta de informações classificadas.

Portanto, percebemos que a definição remete a uma ideia de “preconceito” quanto à aplicação da OSINT. Isso se deve ao fato dos serviços de inteligência não admitirem que a utilizam, pois entendem que o emprego da OSINT é antagônico à atividade-fim da inteligência, que deveria ser baseada em informações reservadas.

A inteligência por fontes abertas é a produzida por informação disponível publicamente coletada, explorada e disseminada de maneira oportuna para pessoal apropriado, com o propósito destinado a uma necessidade específica de inteligência (WILLIAMS; BLUM, 2018).

Isso posto, depreendemos que a comunidade de inteligência não só deve “aceitar” a OSINT como uma de suas fontes, bem como entender que a sua prática e a sua importância evoluíram ao longo do tempo e, principalmente, na era da informação.

A seguir, apresentaremos um breve histórico da inteligência por fontes abertas.

3.1.2 Histórico da OSINT

A história da OSINT remete ao surgimento da inteligência como uma ferramenta de apoio às ações e decisões do governo. Não havia um esforço para a criação de um método para a OSINT até os EUA iniciarem a institucionalização e profissionalização para monitorar a informação da mídia estrangeira. Isso ocorreu com o estabelecimento do Serviço de Monitoramento de Informações Estrangeiras em 1941, que anos mais tarde, e após o ataque japonês à Pearl Harbor durante a Segunda Guerra Mundial, em dezembro daquele mesmo ano, bem como os ataques terroristas àquele Estado em 2001, considerados os maiores fracassos da inteligência dos EUA, foi transformado no Centro de Código Aberto em 2005

(SCHAURER; STORGER, 2013).

Dessa maneira, percebemos que a história da OSINT possui raízes estadunidenses e remonta à história da inteligência. Provavelmente, devido a esse fato, encontramos vasta literatura sobre inteligência por fontes abertas nos EUA. Além disso, depreendemos que a OSINT sempre foi utilizada ao longo da história, observando-se tão somente sua difusão e profissionalização com o decorrer do tempo.

Durante a Guerra Fria, a OSINT foi incorporada pelos EUA e pela ex-URSS, constituindo-se não somente como a maior parte da inteligência, mas também como a principal fonte de informações sobre as capacidades militares e intenções políticas dos inimigos (SCHAURER; STORGER, 2013).

Por outro lado, havia uma hesitação quanto à utilização da OSINT por dois motivos: o primeiro deles era referente ao fato das agências buscarem uma vantagem informacional por meio de informações classificadas, e o segundo era que seria mais difícil, arriscado e custoso aplicar métodos para adquirir informações de fontes secretas, dando a impressão que estas possuíam mais valor que as fontes abertas (SCHAURER; STÖRGER, 2010).

Após a queda da ex-URSS, as agências de inteligência ocidentais redirecionaram suas atividades para novas prioridades, como África e Ásia, atores não-estatais, terrorismo político e religioso, proliferação de armas de destruição em massa e guerra cibernética, que resultaram em uma maior ênfase das fontes abertas. O termo “OSINT” é criado pelos EUA em 1980 (SCHAURER; STORGER, 2013).

Pelo exposto, observamos que, embora a inteligência por fontes abertas fosse utilizada de forma “velada” durante o período da Guerra Fria, sua difusão e institucionalização ocorreram somente após o término deste período.

A seguir, analisaremos uma metodologia para OSINT, segundo Steele (2001).

3.1.3 Metodologia para OSINT

Apenas uma parte do volume massivo de informações oriundas de inteligência por fontes abertas é qualificado como relevante para um analista. Nesse aspecto, identificar o que é mais importante requer experiência e metodologia para produção de conhecimento que vai desde a coleta inicial até a disseminação para o decisor (WILLIAMS; BLUM, 2018).

Segundo Steele (2001), o ciclo de inteligência de fontes abertas consiste no modelo dos “4D”³⁷, que são as etapas do processo em si. “Descoberta” corresponde ao “saber quem sabe” e significa procurar uma fonte com credibilidade ou quem a indique. “Discriminação” corresponde à separação entre as fontes relevantes e não relevantes para o processo. “Destilação” significa conhecer as informações úteis e relevantes. É o valor mais importante agregado ao processo. “Disseminação” corresponde à forma e o momento oportuno em que o conhecimento é entregue ao decisor.

Assim sendo, percebemos que o ciclo de OSINT adotado por Steele (2001) requer metodologia, profissionais especializados, informações úteis e o momento adequado para a entrega de conhecimento produzido ao decisor. Também observamos que a inteligência por fontes abertas, se corretamente e metodologicamente empregada, é tão rigorosa, oportuna e focada no conhecimento como qualquer outra fonte de inteligência.

A seguir, será analisado como as fontes de inteligência relacionam-se com a inteligência por fontes abertas.

3.2 Fontes de inteligência

Segundo Gonçalves (2009), os meios de obtenção de dados para a produção de

³⁷ Descoberta, discriminação, destilação e disseminação.

conhecimentos podem ser classificados como inteligência de fontes humanas (HUMINT)³⁸, inteligência técnica (TECHINT)³⁹ e a inteligência por fontes abertas (OSINT). A TECHINT ainda pode ser subdividida em inteligência de sinais (SIGINT)⁴⁰, inteligência de imagens (IMINT)⁴¹, inteligência de comunicações (COMINT)⁴², inteligência eletrônica (ELINT)⁴³, inteligência telemétrica (TELINT)⁴⁴ e a inteligência de medição e assinatura (MASINT)⁴⁵.

Segundo a Doutrina de Inteligência Conjunta dos EUA, as disciplinas de inteligência⁴⁶ podem ser divididas em inteligência geospacial (GEOINT)⁴⁷, que inclui a IMINT; HUMINT; SIGINT, que inclui a COMINT, ELINT e a inteligência de sinais por instrumentação estrangeira (FISINT)⁴⁸; MASINT; OSINT e TECHINT (USA, 2013).

Sendo assim e ainda que a doutrina estadunidense seja mais abrangente, percebemos uma separação entre as fontes técnicas (MASINT, SIGINT, TECHINT, GEOINT, COMINT, FISINT, IMINT) e as fontes humanas (HUMINT), porém, observamos que a OSINT é a única categoria de inteligência que compreende as abordagens humana e técnica.

Dessa forma, a OSINT integra um processo técnico e humano que produz somente inteligência suficiente e no momento adequado⁴⁹ para suporte a uma decisão

³⁸ A mais tradicional e provavelmente a mais barata forma de reunião de dados pela inteligência proveniente de pessoas. No termo em inglês *human intelligence* (HUMINT) (GONÇALVES, 2009).

³⁹ Diz respeito ao grupo de técnicas que usam mais tecnologia para a reunião de dados ou informações. No termo em inglês *technical intelligence* (TECHINT) (GONÇALVES, 2009).

⁴⁰ Processo de interceptação de ondas eletromagnéticas, geralmente referidas como sinais, para uso da inteligência. No termo em inglês *signals intelligence* (SIGINT) (GONÇALVES, 2009).

⁴¹ Diz respeito às informações ou inteligência provenientes de fotografia e interpretação de imagens. No termo em inglês *imagery intelligence* (IMINT) (GONÇALVES, 2009).

⁴² Corresponde à interceptação de sinais de comunicações para análise e produção de conhecimentos de inteligência. No termo em inglês *communication intelligence* (COMINT) (GONÇALVES, 2009).

⁴³ Inteligência proveniente de coleta ou interceptação e processamento de radiações eletromagnéticas provenientes de fontes como o radar. No termo em inglês *electronics intelligence* (ELINT) (GONÇALVES, 2009).

⁴⁴ Relacionada à interpretação, processamento e análise de telemetria. No termo em inglês *telemetry intelligence* (TELINT) (GONÇALVES, 2009).

⁴⁵ Relacionada à interpretação de assinaturas eletromagnéticas ou sinais físicos. No termo em inglês *measurements and signatures intelligence* (MASINT) (GONÇALVES, 2009).

⁴⁶ Para efeito deste trabalho, considerar “disciplinas de inteligência” como “categorias” ou “fontes” de inteligência.

⁴⁷ É a exploração e análise de imagens e informações geoespaciais para descrever, avaliar e retratar visualmente as características físicas e as referências geográficas. No termo em inglês *Geospatial intelligence* (GEOINT) (USA, 2013).

⁴⁸ Envolve a análise técnica de dados por equipamentos estrangeiros como telemetria, rastreamento e link de dados de vídeo. No termo em inglês *foreign instrumentation signals intelligence* (FISINT) (USA, 2013).

⁴⁹ No termo em inglês *just enough, just in time*.

específica. Outrossim, depreendemos que a utilização da inteligência por fontes abertas impõe uma metodologia própria e investimento em treinamento com o propósito de qualificar e especializar analistas em OSINT.

As definições das fontes de inteligência são multifacetadas pelo fato de alguns profissionais de inteligência tenderem a pensar nestas como únicas e distintas uma da outra. Uma estrutura mais eficaz seria pensar sobre estas disciplinas de inteligência como sobrepostas (figura 3) (WILLIAMS; BLUM, 2018).

Cada vez mais, a GEOINT também é OSINT, pois os satélites comerciais são capazes de fornecer uma capacidade de imagens aéreas comparável às plataformas de coleta classificadas. Por outra perspectiva, a OSINT, como mídia social, pode ser considerada um tipo de HUMINT (WILLIAMS; BLUM, 2018). Segundo Steele (2001), 90 a 95% das informações obtidas pela inteligência são provenientes de fontes abertas.

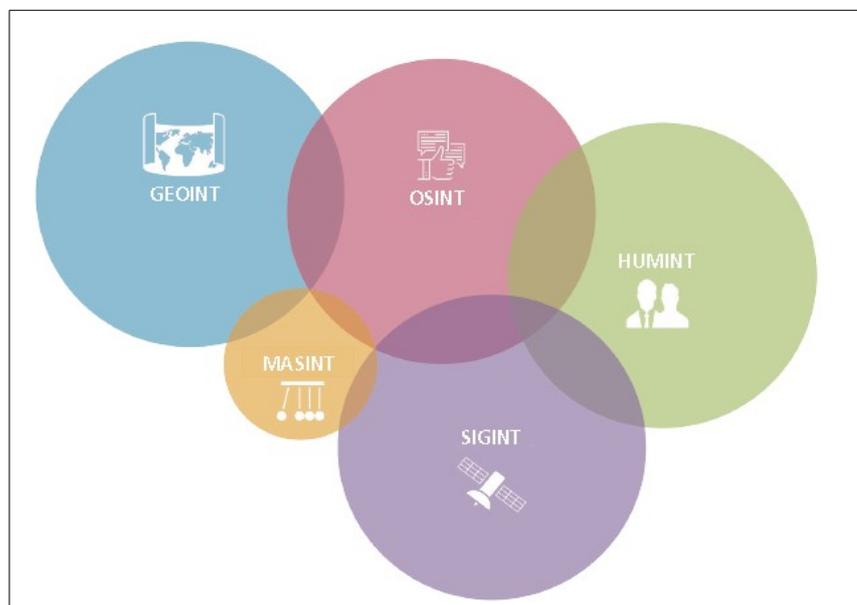


Figura 3 – Sobreposição das fontes de inteligência. Fonte: Williams e Blum, 2018.

Portanto, a OSINT é fonte que complementa as demais, pois está presente e constitui a base para as demais disciplinas de inteligência, sendo aquela encontrada em maior abundância.

A seguir, será abordado o emprego da inteligência por fontes abertas nas OMP da ONU.

3.3 Emprego de OSINT nas OMP da ONU

Durante a Guerra Fria, a utilização da OSINT era a única forma de inteligência, dado contexto daquele período, que era sensível às preocupações dos EUA e da ex-URSS, as duas superpotências daquela época. As OMP eram transparentes e baseadas no princípio da imparcialidade, uma vez que não poderia ser tomado partido para qualquer lado na disputa e a Carta das Nações Unidas exigia o consentimento do Estado anfitrião da missão (CHARTERS, 1999).

Observamos que a OSINT, embora fosse amplamente utilizada, não era devidamente valorizada naquele período, porém isto era adequado ao contexto da inteligência como um todo na ONU naquela época.

No entanto, foi iniciada a institucionalização da OSINT a partir do final da década de 1980, com a criação do Escritório de Pesquisa e Coleta de Informações, em 1987. Em 1993, foi criado um Centro dentro do Departamento de Operações de Manutenção de Paz (DPKO) e, no ano seguinte, uma Unidade de Inteligência e Pesquisa que utilizava a OSINT como fonte primária (CHARTERS, 1999).

Depreendemos que o início da institucionalização da inteligência por fontes abertas coincide com o período de transição das OMP, onde essas alteram seu formato passando de “tradicionais” a “multidimensionais”, bem com o início da era da informação e, dessa forma, foi aberta uma opção ampla de utilização para OSINT.

A partir do caos existente nas OMP realizadas no Congo, Namíbia e Ruanda⁵⁰,

⁵⁰ OMP realizadas no período da Guerra Fria em que ficou evidente uma inteligência ineficiente e inadequada que poderia ter evitado ou até mesmo impedido o conflito nestas regiões. Disponível em: <<https://walterdorn.net/79-united-nations-peacekeeping-intelligence>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

representadas por um novo ambiente operacional⁵¹ caracterizado por complexidade de demografia, autoridades locais impotentes, controle sobre beligerantes, surgimento de facções, utilização de guerra irregular, os mantenedores da paz precisavam entender as dimensões locais do conflito, tais como cultura local, relações sociais existentes, política local, opinião pública, religião, posicionamento de regionais perante o conflito e a existência de OMP na região, economia e criminalidade local (CHARTERS, 1999).

Dessa forma, podemos observar que a OSINT fornece informações úteis nas três dimensões⁵² do ambiente operacional das OMP. Na dimensão física, apoia o comandante militar no tocante ao entendimento da influência dos fatores ambientais (clima, terreno, relevo, topografia, meteorologia, hidrografia e demografia). Na dimensão humana, ajuda no entendimento das relações sociais e culturais locais na região do conflito. Quanto à dimensão informacional, a OSINT fornece todas as informações disponíveis por fontes abertas por meio de todos os colaboradores com as operações de paz.

Portanto, o desenvolvimento da TI e o caráter mutável dos conflitos tornam a exploração da OSINT uma necessidade para as OMP da ONU, uma vez que os militares necessitam entender o seu envolvimento em tarefas não tradicionais como, por exemplo, em conflitos étnicos e religiosos regionais.

A seguir, será abordado o emprego da OSINT na FTM-UNIFIL.

3.4 Emprego de OSINT na FTM-UNIFIL

Segundo o *site* oficial da UNIFIL (2020), a FTM-UNIFIL, primeira Força-Tarefa

⁵¹ É o conjunto de condições e circunstâncias que afetam o espaço onde atuam as forças militares e que afetam e interferem na forma como são empregadas (BRASIL, 2015).

⁵² Dimensões física, humana e informacional. Na dimensão física, há a preponderância dos fatores ambientais, fatores meteorológicos e os poderes combatentes envolvidos nas operações militares. A dimensão humana compreende os elementos relacionados às estruturas sociais e aos seus comportamentos e interesses, normalmente geradores de conflito. A dimensão informacional é referente à elevada capacidade de transmissão, acesso e compartilhamento de informações devido aos avanços na TI (BRASIL, 2019).

Naval⁵³ a participar de uma missão de manutenção da paz da ONU, foi implantada e enviada em outubro de 2006 para o Líbano, Estado hospedeiro⁵⁴ da missão, atendendo à solicitação do governo libanês, após um bloqueio naval imposto por Israel sobre aquele Estado no mesmo ano. A operação tinha como propósito apoiar a Marinha do Líbano ou *Lebanese Armed Forces Navy* (LAF-N) no monitoramento de suas águas territoriais, impedindo a entrada não autorizada de armas ou material correlato por via marítima para o Líbano, por meio de Operações de Interdição Marítima⁵⁵(OIM). Além disso, outra tarefa importante da FTM é ajudar a desenvolver capacidade da LAF-N para patrulhar efetivamente as 110 milhas náuticas da costa libanesa por meios próprios.

A Resolução 1701 da ONU foi implementada em 2006, à luz dos conflitos armados entre árabes e israelenses, com o objetivo de acabar com o conflito e estabilizar a situação, especialmente no sul do Líbano. A resolução pedia vários atos específicos relativos à atual crise e declarou um desarmamento da milícia do *Hezbollah*⁵⁶ constituindo um tópico de conflito que influencia a política regional (CANVAS, 2015).

O *Hezbollah* contava com o apoio político e fundos financeiros da Síria e do Irã, que também lhe asseguravam farto suprimento de material bélico, que incluía mísseis e foguetes de curto e médio alcance. Além disso, aquela Organização buscava obter a adesão à luta armada de xiitas libaneses e priorizavam suas ações nas dimensões humana e informacional do conflito, uma vez que Israel é bem superior na dimensão física (VISACRO, 2018).

⁵³ Força organizada por tarefas com comando próprio, constituída de unidades navais e aéreas embarcadas, para o cumprimento de missão específica (BRASIL, 2015).

⁵⁴ País que recebe a Operação de Paz da ONU.

⁵⁵ Consiste na interceptação do movimento de certos tipos de itens originados ou destinados às nações ou áreas específicas. Estas operações estão normalmente restritas à interceptação e, se necessário, à abordagem de navios para verificar, redirecionar ou apreender suas cargas em apoio à imposição de sanções econômicas e militares (BRASIL, 2015).

⁵⁶ Organização fundamentalista fundada na guerra civil libanesa (1975-1983). É considerado, ao mesmo tempo, um movimento islâmico, um partido político, um grupo de resistência armada e, até mesmo, uma organização terrorista. Independente de sua expressão, o *Hezbollah* conta com sólido apoio da população libanesa e possui uma forte influência na segurança do Estado Libanês e na política regional (VISACRO, 2018).

Quanto ao Líbano, o País separa regionalmente a Síria, a norte e a leste, e Israel, ao sul, e possui como características a diversidade religiosa, cultural e étnica; Estado confessional instável politicamente, que “abriu” espaço para que o *Hezbollah* progredisse em ações sociais em áreas abandonadas pelo governo (CANVAS, 2015).

Dessa forma, depreendemos que a OSINT nos ajuda no entendimento do “ambiente fértil” para a disseminação cada vez mais abrangente das ideias difundidas pelo *Hezbollah*, que é um importante ator não-estatal na região, bem como para o entendimento da geopolítica instável historicamente existente no Oriente Médio, e como esses influenciam nas três dimensões do ambiente operacional da FTM-UNIFIL.

De acordo com o *site* oficial da UNIFIL (2020), o Brasil assumiu o comando da FTM-UNIFIL em 24 de fevereiro de 2011 e o mantém desde então. O Navio-Capitânia⁵⁷ da FTM é brasileiro desde novembro de 2011. Um total de 15 Países contribuíram com a missão, sendo a maioria desses pertencentes à Europa. Atualmente, a FTM é composta por seis navios e dois helicópteros. Desde o início de suas operações em 15 de outubro de 2006, a FTM interrogou 97.377 navios e encaminhou 14.381 desses às autoridades libanesas para a realização de inspeções. A FTM opera em todo o trecho da costa libanesa em estreita cooperação com a LAF-N reportando embarcações suspeitas⁵⁸ às autoridades libanesas que as inspecionam. A pedido do governo libanês, a FTM pode desviar ou inspecionar essas embarcações suspeitas ou impedi-las que entrem nas águas libanesas.

A vigilância, coleta e análise de informações são funções essenciais de uma FTM da ONU. As informações coletadas devem ser efetivamente disseminadas e inseridas na maior rede de compartilhamento de informações. A extensão e a eficácia dessa rede são uma capacidade crítica para as operações marítimas da ONU (UN, 2015).

Em vista do exposto, observamos que a interoperabilidade e uma estrutura em

⁵⁷ Navio destinado a alojar o Comandante da FTM.

⁵⁸ Embarcações com indícios de realizar o contrabando de armamento não autorizado para o Líbano.

rede descentralizada para o fornecimento de informações, dentre as quais a OSINT é empregada em conjunto com outras fontes de inteligência em proveito da inteligência operacional, podem contribuir para uma melhor consciência situacional marítima (CSM) da FTM-UNIFIL.

A FTM-UNIFIL é responsável pelo planejamento, coleta e análise de informações referentes às ameaças marítimas⁵⁹ na Área Marítima de Operações (AMO)⁶⁰ em apoio aos objetivos da missão (UN, 2015). Nesse ponto, e ainda que não tenhamos essas ameaças marítimas identificadas, podemos destacar a importância da OSINT no acompanhamento de navios e embarcações na costa libanesa por meio de bancos de dados disponibilizados por fontes abertas referentes a dados⁶¹ e informações de *safety*⁶² de embarcações, bem como da “Lista de navios esperados”⁶³ em portos libaneses. Ainda nesse sentido, e segundo Steele (2001), todas as informações brutas⁶⁴ necessárias para as decisões estratégicas são oriundas das fontes abertas. Nesse aspecto, 80% dessas informações são sobre genocídios, terrorismo e proliferação de armamento, tópicos que não são normalmente assumidos como informações ostensivas.

A título de histórico, em 2012, o Navio-Mercante *Letfallah II* foi apreendido no Porto libanês de “Selaata”, vindo da Líbia, com três *containers* com metralhadoras, RPG, mísseis anti-aéreos e anti-tanques, além de grande quantidade de explosivos. Ainda no mesmo ano, e após a apreensão do *Letfallah II*, foi encontrado um *container* com munição de pistolas 9mm e rifles “AK-47”, no Porto de “Tripoli”, pertencentes ao Navio-Mercante “Grande Sicília”, que estaria vindo do Egito (FINARDI; DANSSAERT, 2012).

⁵⁹ Corresponde às embarcações suspeitas, bem como as envolvidas em outras atividades ilícitas presentes na AMO, tais como pirataria, tráfico de drogas, pesca irregular e outras formas de crimes marítimos.

⁶⁰ Área marítima destinada às operações de OIM pelos Navios da FTM-UNIFIL.

⁶¹ Data-hora de partida do último porto, data-hora de chegada no próximo porto, porto de origem, porto de destino, características estruturais, tipo e carga do navio, bandeira, indicativo internacional e nome de embarcações.

⁶² Aspectos relacionados com a segurança da vida humana no mar e prevenção da poluição hídrica de embarcações.

⁶³ Corresponde à uma lista com os dados das embarcações esperadas para atracação em portos libaneses.

⁶⁴ Informações não processadas, ou seja, aquelas que foram coletadas, mas não foram aplicadas à metodologia para produção de conhecimentos (BRASIL, 2016).

Em 2016, a Fragata “Independência” da MB detectou e acompanhou duas embarcações de lazer, suspeitas, nas proximidades do Porto libanês de “Saida” e que, à posteriori, foram apreendidas com 2,5 toneladas de cocaína, captagon e haxixe nessas embarcações⁶⁵.

Isso posto, observamos que a OSINT contribui sobremaneira para o impedimento da entrada de armamento não autorizado e para o monitoramento de embarcações suspeitas, uma vez que, normalmente, há um relacionamento estreito entre as informações de *safety*, atividades ilícitas e informações de *security*⁶⁶ das embarcações.

Sendo assim, depreendemos que é necessário um sistema de avaliação de ameaças marítimas, de forma a colaborar na identificação de eventuais embarcações suspeitas. Nesse tópico, reside uma necessidade fundamental para o cumprimento da missão da FTM-UNIFIL. A OSINT contribui de forma significativa, mas é desejável que haja uma categorização por parâmetros suspeitos que permitam identificar prováveis navios transportando armas e material correlato não autorizado ou até mesmo envolvidos em outras atividades ilícitas.

Portanto, depreendemos que há a necessidade de informações de *security* para uma maior efetividade no processo decisório do comandante da FTM-UNIFIL.

Além disso, a FTM também fornece as previsões meteorológicas na AMO, com o propósito de fornecer os impactos críticos às operações marítimas a serem realizadas (UN, 2015). Nesse diapasão, a OSINT contribui com diversos serviços meteorológicos que podem ser encontrados via *internet*. Condições meteorológicas adversas podem impactar em uma disponibilidade reduzida de navios e aeronaves na AMO por motivos de segurança de material e pessoal e, dessa forma, podem gerar impacto na missão da FTM, principalmente no período de inverno em que as condições de mar são normalmente mais severas.

⁶⁵ Disponível em <<https://tecnodefesa.com.br/fragata-independencia-ajuda-apreender-entorpecentes-no-libano/>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

⁶⁶ Informações pormenorizadas referentes às ameaças marítimas que estejam engajadas em contrabando de armamento na área do conflito, de forma a contribuir na identificação destas embarcações.

Outro aspecto observado é o número considerável de navios de guerra, principalmente de grandes potências, como EUA, Rússia, França, Reino Unido e Israel que operam na região do Oriente Médio. A FTM contribui com a missão no monitoramento desses meios estrangeiros (CIASC, 2010).

Nesse sentido, podemos acessar várias informações sobre meios militares com base em fontes abertas que, conjugadas com outras fontes técnicas de inteligência, tais como os sensores dos navios da FTM-UNIFIL, podem incrementar a CSM, bem como, em contexto mais amplo, fornecer uma visão do interesse geopolítico envolvido nessa região.

Outro assunto de interesse é o desenvolvimento de capacidades locais. Um dos principais desafios do comandante da FTM é a necessidade de equilibrar as expectativas locais de benefícios rápidos fornecidos com o objetivo de ajudar a população e desenvolver uma capacidade marítima do país anfitrião de forma sustentável e adequado às suas necessidades (UN, 2015).

Nesse tópico, um ponto importante a ser observado é a interoperabilidade com a comunidade marítima do entorno da AMO. Embarcações de expedição, frotas de pesca industrial e artesanal, balsas, instalações de hidrocarbonetos *offshore* e portos são todos ativos de informações em uma ampla área geográfica e 24 horas por dia. Essa comunidade observa embarcações de pesca irregular, tráfico de pessoas, pirataria, tráfico de armas e outras formas de crime marítimo e, dessa forma, constituem plataformas de coleta de informações. Essa comunidade possui interesse na segurança do seu espaço marítimo.

De fato, o desenvolvimento de fortes relações entre populações civis e forças de segurança pode ajudar a melhorar a legitimidade das operações realizadas pela FTM-UNIFIL e, dessa forma, a HUMINT constitui uma base para OSINT e, por conseguinte, um maior conhecimento do ambiente operacional.

Quanto aos impactos financeiros, o Comandante da FTM-UNIFIL deve avaliar os

riscos, segurança e a capacidade de sustentação de sua Força, de forma a reduzir os impactos de restrições inevitáveis nos recursos disponíveis (ONU, 2015).

Nesse contexto de restrições orçamentárias vigentes na ONU e na FTM-UNIFIL, a contribuição da OSINT é adequada e oportuna, dado o seu custo mais barato quando comparado às demais fontes de inteligência.

A seguir, discorreremos sobre as conclusões parciais.

3.5 Conclusões parciais

Neste capítulo, a intenção foi inserir a OSINT na atividade de inteligência e analisar seu relacionamento junto às demais fontes. Apresentamos também um breve histórico, conceito e uma metodologia para inteligência por fontes abertas, segundo Steele (2001); o emprego da OSINT no escopo das OMP da ONU e, por fim, delimitamos o emprego da inteligência por fontes abertas no âmbito da FTM-UNIFIL.

Em um primeiro momento, observamos que a OSINT é a única categoria de inteligência que é a interseção e a base para as demais fontes de inteligência. Nesse ponto, podemos depreender a importância da OSINT que a coloca em pé de igualdade com as demais categorias de inteligência, e com vantagem competitiva sobre as demais disciplinas tradicionais dada sua acessibilidade, velocidade e custo.

A posteriori, observamos que o histórico da OSINT remonta o histórico da inteligência e esta passou a ser utilizada em abundância a partir do término da Guerra Fria com o início da era da informação. Nesse aspecto, depreendemos que a evolução da TI descentralizou as informações criando um ambiente favorável para a OSINT, ainda que essa já fosse utilizada ao longo do tempo.

Observamos também que a inteligência por fontes abertas deve ser empregada

com cultura metodológica, por pessoal especializado, de forma suficiente e no momento oportuno para assessoramento ao decisor. Inferimos também que a metodologia aplicada à OSINT maximiza os conhecimentos úteis e reduz a sobrecarga de informação. Além disso, observamos que a qualificação continuada de analistas em OSINT impacta positivamente no aproveitamento de todo o potencial da inteligência por fontes abertas.

Quanto ao emprego da OSINT nas OMP da ONU, observamos uma crescente institucionalização da atividade a partir do término da Guerra Fria. Além disso, depreendemos que essa profissionalização da OSINT coincide com a transição para o novo contexto mutável das operações de paz e que implica na utilização de uma linguagem comum e entendimento cultural do ambiente do país anfitrião⁶⁷, bem como em todos os aspectos a ele relacionados, sejam eles políticos, sociais ou econômicos.

Por fim, delimitamos diversas contribuições do emprego da inteligência por fontes abertas em proveito da inteligência operacional na FTM-UNIFIL. Assim, observamos que a OSINT constitui uma importante ferramenta para o entendimento do ambiente operacional complexo da FTM-UNIFIL.

A seguir, abordaremos o ciclo de decisão de John Richard Boyd (1927-1997) e realizaremos o confronto entre o modelo teórico proposto por ele e o emprego da OSINT em proveito da inteligência operacional na FTM-UNIFIL com o propósito de avaliar a efetividade da inteligência por fontes abertas na missão.

⁶⁷ O mesmo que País hospedeiro da missão de paz da ONU.

4 CICLO DE DECISÃO DE BOYD APLICADO À OSINT NA FTM-UNIFIL

A partir deste momento, realizaremos o confronto entre a inteligência por fontes abertas, empregada na FTM-UNIFIL, e o modelo teórico proposto por Boyd, a fim de realizar a exposição de argumentos que justifiquem a efetividade da OSINT nesse tipo de OMP.

Este capítulo será estruturado pelas seguintes seções: na primeira, realizaremos a exposição do ciclo “OODA”⁶⁸ proposto por Boyd com foco no nível operacional; na segunda seção realizaremos o confronto deste modelo teórico com emprego da OSINT na FTM-UNIFIL; e na terceira seção abordaremos as conclusões parciais.

4.1 Ciclo de Boyd

Boyd foi um estrategista e piloto de caça da Força Aérea dos EUA em ação durante a Guerra da Coreia (1950-1953). Nas décadas de 1950 e 1960, desenvolveu táticas de combate aéreo e se aposentou como Coronel, em 1975, continuando seu envolvimento em assuntos militares no Pentágono como consultor. A partir desse período, ele esteve envolvido em tentativas de reformar a estratégia de defesa estadunidense até sua aposentadoria, em 1995 (OSINGA, 2005).

Padrões de Conflito (1977) é a sua principal obra e transformou-se em modelo de tomada de decisão racional. Trata-se de uma análise histórica da guerra e de teorias para a vitória que Boyd utiliza para construir seu argumento que representa um compêndio de ideias e ações para alcançar o sucesso em um mundo competitivo. O coração conceitual do seu argumento é o ciclo “OODA”, também chamado de ciclo de Boyd. “Observação” é sentir a si mesmo e ao mundo ao redor e trata-se de como os indivíduos identificam a mudança ou a falta de mudança no ambiente ao seu redor. “Orientação” é a lente através da qual as

⁶⁸ Observação, orientação, decisão e ação (BRASIL, 2015).

observações são entendidas e leva em consideração o entendimento cultural, experiência e o conhecimento para lidar com as ameaças que enfrentamos por meio de análise e síntese. É a capacidade de situar-se no ambiente e de perceber a ação de indivíduos nesse ambiente. “Decisão” é o componente pelo qual é selecionada a ação a ser seguida dentre as alternativas formuladas na hipótese a ser testada. “Ação” é a implementação do teste da decisão na hipótese escolhida (OSINGA, 2005).

A teoria de Boyd nos ajuda a entender ambientes operacionais cada vez mais incertos, complexos e descentralizados, aos quais líderes de todos os níveis devem compreender e interagir (TREMBLAY JR, 2015). A chave para a compreensão do ciclo de Boyd é que o foco nas tomadas de decisão não é a velocidade, mas sim o momento adequado para agir contra o inimigo. Embora a velocidade seja indubitavelmente importante, a chave para interromper o ciclo “OODA” de um oponente não está em agir mais rápido, mas em agir no momento certo⁶⁹.

De acordo com a Doutrina para o Sistema Militar de Comando e Controle do MD, o ciclo “OODA” é cíclico e sequencial, sendo um dos mais aplicáveis ao comando e controle (C2)⁷⁰. “Observação” é perceber o cenário no qual se deseja atuar captando maior número possível de estímulos que influenciam o ambiente operacional. Na fase da “Orientação”, as percepções são condensadas, interpretadas e analisadas em um contexto global, a fim de delinear o cenário atualizado. Na fase da “Decisão”, o comandante operacional toma decisões com base no cenário formado na fase anterior. Durante a fase da “Ação”, os comandantes dos escalões subordinados cumprem as ordens superiores, realizando ações específicas, atuando sobre o ambiente operacional e exigindo a atualização de informações (BRASIL, 2015).

Ainda segundo a Doutrina para o Sistema Militar de Comando e Controle do MD,

⁶⁹ Disponível em: <<https://thestrategybridge.org/the-bridge/2020/3/17/the-ooda-loop-and-the-half-beat>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

⁷⁰ Sistemática de um processo decisório que permite a formulação de ordens, estabelece o fluxo de informações e assegura mecanismos destinados à garantia do cumprimento pleno das ordens (BRASIL, 2015).

a velocidade no qual o ciclo de decisão será empregado não garante a efetividade do processo decisório, pois se a percepção do ambiente for falsa, inadequada ou incompleta, ou se as informações forem analisadas incorretamente, ou se as ações implementadas não corresponderem à decisão tomada, o ciclo decisório não afetará o ambiente tornando-o mais afastado da realidade e, assim, pecando pela qualidade e não pela velocidade das informações (BRASIL, 2015).

Dessa forma, podemos associar o conceito do ciclo de Boyd à OSINT dada à sua velocidade na obtenção de conhecimentos úteis, desde que esses tenham credibilidade e sejam frutos de uma metodologia apropriada, aplicada por pessoal especializado e, uma vez obtidos, empregados no momento correto. Portanto, observamos que o ciclo “OODA” pode ser adaptado ao ambiente operacional da FTM-UNIFIL, em que há a difusão de uma grande quantidade de informações em tempo real e de forma ininterrupta e, nesse caso, um C2 bem definido reduz o tempo de decisão de um comandante operacional.

Neste trabalho, a teoria de Boyd será analisada sob três aspectos: o primeiro deles diz respeito ao ambiente operacional, caracterizado como incerto e instável nos dias de hoje. O segundo aspecto é que em uma variedade de domínios de canais de informações, faz-se necessária a superioridade nas informações⁷¹. O terceiro e último aspecto inclui a ideia de que uma consciência situacional superior é obtida por meio da descentralização de informações em uma organização em rede (OSINGA, 2005). Assim sendo, o ciclo OODA será analisado quanto ao impacto do ambiente informacional no ambiente operacional.

De acordo com Osinga (2005), um decisor usa o conhecimento para analisar e se adaptar ao seu ambiente. Se ele perceber que o conhecimento não produz o efeito desejado, ele procurará alterá-lo, uma vez que o ambiente é constituído pelo conhecimento que se tem sobre ele.

⁷¹ É um estado de desequilíbrio no domínio da informação que é alcançado pela disponibilidade de informações úteis por pessoas certas no momento adequado e de forma correta ao negar a um oponente a capacidade de fazer o mesmo (ALBERTS *at al*, 2001).

Nesse aspecto, conhecer, entender e se adaptar ao comportamento do ambiente operacional mais rápido que o inimigo é importante para entender o *modus operandi*⁷² dos oponentes. Assim, podemos utilizar as informações para influenciar ou comprometer o processo decisório do inimigo e, assim sendo, evitar sua adaptação ao ambiente operacional.

Quanto à superioridade nas informações, os avanços da tecnologia nos permitirão alcançar os efeitos desejados por meio da aplicação personalizada do poder de combate com maior letalidade, menor consumo de tempo e exposição de risco de forças amigas e equipamentos. Além disso, a vantagem da informação incrementa o desenvolvimento de doutrina, táticas, técnicas e outros procedimentos associados que permitem o aumento do poder de combate (OSINGA, 2005).

Dessa maneira, isso remete à ideia de que a disponibilidade de todas as fontes de inteligência aliadas à TI, quando empregadas no momento oportuno, poderão fornecer conhecimentos úteis e privilegiados para influenciar no conhecimento do ambiente operacional.

Quanto ao C2, toda a operação deve ser suportada por uma estrutura altamente descentralizada para permitir a iniciativa dos comandantes do nível tático, porém centralizada no nível estratégico para o estabelecimento de objetivos (OSINGA, 2005).

Dessa forma, podemos inferir que a descentralização das informações em tempo real permite maior autonomia nas decisões dos níveis de condução da guerra, principalmente no nível tático e, por consequência, maior rapidez no processo decisório do comandante operacional.

Adiante, estudaremos o ciclo de Boyd aplicado à OSINT na FTM-UNIFIL.

⁷² Define como os combatentes devem agir em um conflito.

4.2 Ciclo “OODA” aplicado à OSINT na FTM-UNIFIL

A necessidade de efetividade no ciclo decisório é adequada ao contexto da FTM-UNIFIL, uma vez que é fundamental o entendimento do ambiente operacional dinâmico e instável, peculiar daquela região do Oriente Médio, e como esse influencia as ações empreendidas por inimigos não constituídos⁷³, e que estejam engajados na tarefa de enviar armamento não autorizado para o Líbano, além de outras atividades ilícitas.

Dessa forma, o emprego da OSINT na FTM-UNIFIL será analisado à luz da teoria de Boyd quanto à adaptação ao ambiente operacional, bem como quanto à superioridade e descentralização nas informações.

4.2.1 Adaptação ao ambiente

A busca por informações não é absoluta e deve ser entendida em dois sentidos. Primeiro, é preciso entender o ambiente melhor que o oponente e, a partir desse ponto, envidamos esforços para ocultar nosso planejamento. Segundo, precisamos ter um conhecimento geral da situação que provém da capacidade de discernir padrões em uma visão holística de que um *objeto* só pode ser entendido à luz do seu contexto (OSINGA, 2005).

Dessa forma, depreendemos que a OSINT contribui para o entendimento da relação de dependência entre o ambiente externo, representado pela instabilidade do Oriente Médio e, principalmente, do Líbano, e o ambiente operacional da FTM-UNIFIL. Ainda nesse sentido, por meio da OSINT, conseguimos compreender que a instabilidade política no Líbano é um potencializador de diversos conflitos armados naquela região. Isso posto, a inteligência por fontes abertas na FTM-UNIFIL permite uma melhor adaptação ao contexto regional, transcende as atividades militares propriamente ditas e nos ajuda no entendimento

⁷³ Inimigos não identificados no ambiente operacional da FTM-UNIFIL.

das dimensões do ambiente operacional.

Segundo Boyd, adaptar-se significa criar e manter um ajuste com o meio ambiente e é exatamente isso que se quer negar aos oponentes. Coletivamente, essas características permitem adaptar-se e moldar o ambiente incerto e repleto de atritos da guerra. Além disso, devemos moldar o ambiente nacional, de forma que não apenas amplifiquemos nossa força, mas também isolemos os adversários com o propósito de que sejam atraídos por nossa filosofia (OSINGA, 2005).

Em vista dos argumentos apresentados, depreendemos que a inteligência por fontes abertas é uma ferramenta importante para moldar e influenciar o ambiente operacional da FTM-UNIFIL e, por consequência, o ciclo de decisão de eventuais oponentes, persuadindo-os a evitar o confronto, uma vez que é difícil identificá-los devido ao grande número de embarcações comerciais que transitam na AMO, ou seja, o espectro de potenciais ameaças é amplo, diversificado e não identificado.

4.2.2 Superioridade nas informações

Uma das características distintivas do comandante bem-sucedido é a capacidade de agir rapidamente, com o conhecimento incompleto da situação e, no processo, esteja disposto a assumir alguns riscos altos, mas prudentes. Essa característica é especialmente exigida nos níveis operacionais e superiores, em que os comandantes são forçados a fazer suposições não apenas sobre a situação atual, mas também sobre tendências a médio e longo prazo. O comandante operacional naval raramente se dará ao luxo de esperar o perfeito conhecimento da situação, mas será forçado a aproveitar oportunidade certa para atacar. A superioridade na informação é relativa, não absoluta. O que um comandante pode considerar menos que o conhecimento completo, seu oponente pode considerar mais do que suficiente

para agir (VEGO, 2009a).

O advento da era da informação aliado à evolução das inovações tecnológicas democratizou e descentralizou as informações maximizando o emprego da OSINT. Nesse contexto e para manter a superioridade marítima, a comunidade de inteligência precisa orientar sua coleta e análise de informações a um esforço de emprego de todas as fontes de inteligência possíveis sob o risco de ceder vantagem para o inimigo⁷⁴.

Por outro lado, a *internet* significa que qualquer indivíduo desfruta de um acesso sem precedente às informações, principalmente em regiões subdesenvolvidas, enquanto as mídias sociais tornaram os indivíduos participantes ativos na produção de informações⁷⁵.

Dessa forma, podemos inferir que a OSINT é extremamente útil no contexto do ambiente informacional da FTM-UNIFIL e, caso complementada por outras fontes de inteligência, principalmente as classificadas, contribui com maior efetividade para a inteligência operacional nessa OMP.

Por outro lado, depreendemos que há uma preocupação quanto à mitigação do acesso ilimitado à informação por supostos inimigos que podem operar na AMO da FTM-UNIFIL. Nesse contexto, a utilização de operações de informação⁷⁶ e operações psicológicas⁷⁷, por meio do emprego de OSINT nas mídias sociais e regionais, com a divulgação de informações referentes ao trabalho desempenhado pela FTM-UNIFIL em prol da segurança na região, com foco nas patrulhas marítimas realizadas e ações cívico-sociais⁷⁸ realizadas em prol da comunidade libanesa, pode influenciar o modo de agir e pensar de eventuais oponentes exercendo caráter dissuasório.

⁷⁴ Disponível em: <<http://cimsec.org/?s=osint>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

⁷⁵ Disponível em: <<http://cimsec.org/?s=osint>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

⁷⁶ Ações coordenadas sobre o ambiente de informações e executadas, com o apoio da inteligência, para influenciar um oponente real ou potencial, diminuindo sua combatividade, coesão interna, coesão externa e capacidade de tomada de decisão (BRASIL, 2015).

⁷⁷ Operações que incluem ações psicológicas e compreendem ações políticas, militares, econômicas, psicossociais planejadas para criar emoções, atitudes e comportamentos favoráveis à consecução de objetivos nacionais (BRASIL, 2015).

⁷⁸ Conjunto de atividades de caráter humanitário, episódico ou programado de assistência e auxílio às comunidades, promovendo o espírito cívico e comunitário dos cidadãos, no país ou no exterior, desenvolvidas pelas organizações militares das FA (BRASIL, 2015).

Ainda nesse sentido, uma imagem cada vez mais positiva da FTM-UNIFIL pode ser “cultivada” junto à comunidade libanesa e à comunidade marítima do entorno da AMO e, assim sendo, elas estariam cada vez mais propensas a colaborar com a missão daquela FTM como ativos de informações de OSINT.

O poder na era do conhecimento vem da informação, do acesso e da velocidade. No entanto, o ganho no potencial do poder de combate devido às novas TI é muito difícil de medir com algum grau de confiança. As informações devem ser totalmente consideradas pelos comandantes, em todos os níveis decisórios, pois influenciam nos demais fatores operacionais⁷⁹ (VEGO, 2009).

Portanto, observamos que a TI vigente aumenta consideravelmente a importância do fator operacional *tempo* e o domínio das informações cada vez mais precisas, oportunas e relevantes garante uma vantagem operacional no emprego da OSINT, reduzindo o tempo de duração do ciclo OODA do comandante da FTM-UNIFIL.

Por outra perspectiva, depreendemos que a superioridade nas informações aumenta consideravelmente o conhecimento dos aspectos tangíveis do conflito, ainda que não seja mais possível afirmar quais serão os canais de informações empregados, bem como esses serão utilizados.

Isso posto, observamos que uma cultura institucional da ONU e da própria UNIFIL voltada para OSINT no ambiente marítimo implica em uma maior superioridade nas informações.

⁷⁹ Espaço, tempo e força. O fator “espaço” corresponde a posições geoestratégicas, a distância da área da base até a área de operações, características operacionais do ambiente físico, clima, meteorologia, topografia, hidrografia. O fator “tempo” corresponde é intimamente ligado ao fator “espaço”. O tempo perdido nunca pode ser recuperado. Dominar o fator “tempo” em combate significa essencialmente agir mais rápido do que o oponente e encurtar o tempo para estimar uma situação, tomar uma decisão e manobrar as forças de combate, ao mesmo tempo em que deve-se prolongar o tempo que o inimigo precisa para realizar estes processos. O fator “força” diz respeito às fontes de poder militar e não militar empregadas em uma operação militar (VEGO, 2009).

4.2.3 Descentralização de informações

Mudar para estruturas em rede pode exigir alguma descentralização de C2, mas pode oferecer uma melhor visão holística do problema em lide e um entendimento central do cenário como um todo. O conceito organizacional para a guerra na era da informação é que as unidades no nível tático tenham a consciência situacional num nível nunca antes visto (OSINGA, 2005).

Além disso, as organizações devem ser descentralizadas de forma orgânica para se adaptar aos ambientes em guerra. De acordo com Boyd, essa filosofia garante que os componentes de todos os níveis de condução a guerra possam manter um grau de interação suficiente com o ambiente (OSINGA, 2005).

Nesse quesito, o C2 descentralizado é exercido na FTM-UNIFIL. O comandante operacional atua somente por veto, caso específico do comprometimento da missão, no entanto, os Comandantes de Guerra subordinados⁸⁰ possuem plena autonomia de ações no seu ambiente de guerra. Dessa forma, verificamos quão importante é a descentralização de informações no nível tático e como isso impacta em um menor tempo de duração do ciclo OODA no nível operacional.

Quanto à estrutura de C2, a FTM-UNIFIL utiliza aplicações, ferramentas e dispositivos baseados em comunicações satelitais, por rádio-frequência ou pela *internet*, que fornecem informações essenciais ao apoio à decisão do Estado-Maior (EM) da FTM, seja embarcado no navio capitânia ou nas instalações em Naqoura, no sul do Líbano, onde está localizado o Quartel-General da UNIFIL. A principal ferramenta de C2 é um programa de aplicação gratuita e fonte aberta que é utilizado como rede de comunicação entre os navios, EM da FTM e o Centro de Operações Navais ou *Naval Operations Center* (NOC), sediado

⁸⁰ Navios designados como Comandante das Operações de Interdição Marítima (no termo em inglês *MIO Commander*), que atua no ambiente marítimo, e o Comandante da Guerra Anti-Aérea (no termo em inglês *AAW Commander*), que atua no ambiente aéreo.

em Naqoura, esse último responsável por manter a CSM atualizada junto à UNIFIL, por meio da distribuição compartilhada de mensagens, documentos operativos, *chat*, videoconferência e *e-mails*.

Dessa forma e a partir de uma estrutura em rede de informações por meio da OSINT, bem como a partir da delegação de autoridade para os comandantes dos navios subordinados ao Comandante da FTM, que podem tomar decisões mais rápidas e, assim sendo, o ciclo decisório do comandante operacional “gira” mais rapidamente.

Uma Organização flexível é obtida descentralizando o C2 e permite uma força marítima ser eficaz quando se depara com uma situação exigindo ação rápida e oportuna (VEGO, 2009).

Assim sendo, a descentralização permite uma rápida tomada de decisão no caso específico de ameaças assimétricas⁸¹, típicas do ambiente operacional da FTM-UNIFIL e, dessa forma, uma maior velocidade no ciclo OODA na tomada de decisão.

4.3 Conclusões parciais

Neste capítulo, nosso foco foi o estudo do ciclo decisório de Boyd e o relacionamento entre este e o emprego da OSINT na FTM-UNIFIL.

Em um primeiro momento, observamos que a efetividade do ciclo OODA no nível operacional é representada pela oportunidade de agir no momento certo contra o inimigo. Nesse ponto, inferimos que o ciclo decisório de Boyd requer uma atenção especial focada na produção de conhecimentos úteis, de forma rápida e oportuna para o decisor.

A posteriori, a teoria de Boyd foi analisada com foco na OSINT sob o prisma do

⁸¹ Ameaças decorrentes da possibilidade de serem empregados meios ou métodos não ortodoxos, que incluem terrorismo, ataques cibernéticos, armas convencionais avançadas e armas de destruição em massa para anular ou neutralizar os pontos fortes do adversário, explorando suas fraquezas, a fim de obter resultado desproporcional (BRASIL, 2015).

ambiente operacional, da superioridade nas informações e da descentralização das informações. Observamos que há uma relação direta entre esses aspectos, as dimensões do ambiente operacional e a OSINT, uma vez que essa última contribui com a superioridade e a descentralização das informações e, por consequência, para o entendimento do ambiente operacional encontrado na FTM-UNIFIL. Isso posto, verificamos que há uma estreita relação entre a OSINT e a rapidez na tomada de decisão. Quanto maior a descentralização e a superioridade nas informações, maior é a rapidez no processo decisório do comandante operacional.

Nesse contexto, depreendemos que um C2 descentralizado e estruturas organizacionais em rede, formadas com todos os ativos de informação da FTM-UNIFIL, internos ou externos, implicam em maior efetividade da OSINT aplicada ao ciclo OODA.

A seguir, passaremos à conclusão desta pesquisa.

5 CONCLUSÃO

O propósito deste estudo foi demonstrar a importância da OSINT em apoio ao processo decisório do comandante da FTM-UNIFIL, por meio da aplicação de uma teoria aplicada à tomada de decisão, de modo a justificar o emprego da inteligência por fontes abertas nesta OMP.

A OSINT aplicada às operações militares e, em particular, nas OMP e na FTM-UNIFIL, foi o foco deste trabalho e o modelo de ciclo decisório escolhido foi o OODA, utilizado como processo de tomada de decisão para verificação do processo decisório.

Dessa forma, buscamos responder à seguinte pergunta: o emprego da OSINT em proveito da inteligência operacional da FTM-UNIFIL é efetivo para o assessoramento à decisão de um comandante operacional? O trabalho concluiu que o emprego da inteligência por fontes abertas é efetivo, desde que, além das demais fontes de inteligência, seja também complementado por outras fontes, como todos os colaboradores envolvidos na missão, sejam eles os países participantes ou não da UNIFIL, Organizações regionais e internacionais, ONU, Agências de inteligência e a comunidade marítima do entorno.

No capítulo dois, foi estudada a evolução da inteligência ao longo da história da humanidade e observamos que essa atividade é adequada ao seu tempo e à evolução da guerra. Além disso, foram estudados os modelos de ciclos de inteligência propostos por Clark (2016) e observamos que o ciclo centrado no objetivo é adequado à OSINT, dado o desenvolvimento contínuo das TI. Por fim, a atividade de inteligência foi limitada ao contexto da inteligência operacional e restrita ao ambiente da ONU, em que observamos que há uma dicotomia entre a sua institucionalização crescente e as limitações quanto ao seu emprego, que ainda perduram desde os tempos da Guerra Fria.

No capítulo seguinte, foi analisado o papel da OSINT dentro da atividade de

inteligência e percebemos que ela constitui a base de todas as fontes de inteligência. Foi verificado também que o histórico da OSINT remonta à evolução da inteligência na guerra e culminou com sua ampla utilização a partir do início da era da informação. Além disso, observamos que a OSINT necessita de uma metodologia própria e analistas especializados, com o propósito de ser empregada no momento adequado a partir de informações relevantes a fim de ser efetiva ao processo decisório. Por fim, avaliamos o emprego da inteligência por fontes abertas nas OMP da ONU e na FTM-UNIFIL, onde foi verificado que a OSINT é adequada às OMP, devido à sua natureza imparcial e diversificada e, dessa forma, oferece importante contribuição às diversas tarefas da FTM-UNIFIL.

No último capítulo, foi estudado o ciclo decisório de Boyd com foco na inteligência por fontes abertas e realizado confronto desta teoria de decisão com o emprego da OSINT em proveito do assessoramento à tomada de decisão do comandante da FTM. Nesse diapasão, verificamos o quão importante é a inteligência por fontes abertas na dimensão informacional do ambiente operacional da FTM-UNIFIL, bem como para redução do tempo do ciclo decisório do comandante operacional desta OMP.

Ao término deste trabalho, podemos concluir que um estudo mais detalhado sobre a OSINT possui enorme aplicabilidade na MB, em especial no planejamento e execução de operações militares, cada vez mais caracterizadas como complexas e multidimensionais nos dias de hoje, onde as FA estão cada vez mais comprometidas em tarefas não propriamente militares.

REFERÊNCIAS

- ALBERTS, David S. *et al.* *Understanding information Age Warfare*. EUA: 2001, 312 p.
- ANDRE, David. Seeing the forest through the trees: the value of OSINT for the U.S. Navy. In: *CIMSEG Center for International Maritime Security*. Disponível em: <<http://cimsec.org/?s=osint>> Acesso em: 04 jul. 2020.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Comissão Interescolar de Doutrina de Operações Conjuntas (CIDOC) - Notas Escolares 2020*. 5 ed. Brasília, 2018. 149 p.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Manual de Campanha - Operações de Informação - EB70-MC-10.213*. 2 ed. Brasília, 2019. 53 p.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Manual de operações de Paz*. 3. ed. Brasília, 2013. 66 p.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Doutrina de operações conjuntas – MD30-M-01*. 1º vol. Brasília, 2011. 128 p.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Doutrina de operações conjuntas - MD30-M-01*. 2º vol. Brasília, 2011a. 208 p.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Doutrina de operações conjuntas - MD30-M-01* 3º Vol. Brasília, 2011b. 158 p.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Doutrina para o Sistema Militar de Comando e Controle - MD31-M-03*. Brasília, 2015a. 46 p.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Glossário das Forças Armadas*. Brasília, 2015. 289 p.
- BRASIL. Agência Brasileira de Inteligência. *Doutrina Nacional de Inteligência: fundamentos doutrinários*. Brasília: Abin, 2016.
- BRASIL. Agência Brasileira de Inteligência. *Política Nacional de Inteligência*. Disponível em: <<http://www.abin.gov.br/aceso-a-informacao/legislacao-de-inteligencia/coletanea-de-legislacao/politica-nacional-de-inteligencia/>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.
- CANVAS - CENTRE FOR APPLIED NONVIOLENT ACTION AND STRATEGIES. *Analysis of the current situation in Lebanon: situation, pillars of support and possible outcome*. Set., 2015. Disponível em: <<http://canvasopedia.org/wp-content/uploads/2015/12/lebanon-analysis.pdf>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.
- CARMENT, David; RUDNER, Martin. *Peacekeeping Intelligence New Players, Extended Boundaries*. Abingdon, Oxon: Routledge, 2006. 214 p.
- CHARTERS, David A. OSINT for peace support operations: perspectives from the UN Operations. *OSS 21 PRIMER Essential Elements of Information Joint Planning, Operations Other Than War and Open Source Intelligence*. Oakton, VA, 2000. Disponível em: <http://www.oss.net/dynamaster/file_archive/040319/1efd2b192d0c9f63a0a29e111d8c128b/OSS2000-02-12.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2020.

CIASC - CENTRO DE INSTRUÇÃO ALMIRANTE SYLVIO DE CAMARGO. *Operações de Paz de Caráter Naval: ameaças e desafios para a paz no mar*. Rio de Janeiro: Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo, 2020.

CLARK, Robert M. *Intelligence analysis: a target-centric approach*. 5. ed. Los Angeles: CQ Press, 2016. Versão para *ebook*. 868 p.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Tradução de Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. 1984. Verão em inglês de: Michael Howard e Peter Paret.

DORN, A. Walter. *United Nations Peacekeeping Intelligence*. Disponível em: <<https://walterdorn.net/79-united-nations-peacekeeping-intelligence>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

FINARDI, Sergio; DANSSAERT, Peter. *Rough seas: maritime transport and arms shipments*. Chicago: International Peace Information Service; TransArms Research, 2012 (Transport Services under and Arms Trade Treaty Series).

GONÇALVES, Joanisval B. *Atividade de Inteligência e Legislação Correlata*. Niterói, RJ: Impetus, 2009. 174 p.

KEEGAN, J. *Inteligência na Guerra: Conhecimento do Inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda*. Tradução de S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 448 p.

KENT, Sherman; *Informações estratégicas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967. 213 p.

LIANG, Qiao; XIANGSUI, Wang. *A guerra além dos limites conjecturas sobre a guerra e a tática na era da globalização*. Beijing: Pla Literature And Arts Publishing House, Fev., 1999. 255 p.

LOVELACE JR, Douglas C. *Hybrid Warfare and The Gray Zone Threat*. v. 141. Oxford, 2016. 376 p.

LUFT, Alastair. *The OODA Loop and the Half-Beat*. Disponível em <<https://thestrategybridge.org/the-bridge/2020/3/17/the-ooda-loop-and-the-half-beat>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

OSINGA, Frans P. B. *Science, strategy and war: the strategic theory of John Boyd*. Netrherlands: Eburon Academic Publishers, 2005. Disponível em: <http://www.projectwhitehorse.com/pdfs/ScienceStrategyWar_Osinga.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2020.

PLATJE, Wies, JONG, Ben de; STEELE, Robert David. *Peacekeeping Intelligence: emerging concepts for the future*. 1. ed. Oakton: OSS International Press. 2001. 532 p.

PLAVETZ, Ivan. Fragata Independência ajuda apreender entorpecentes no Líbano. In: Tecnodefesa. *Tecnologia e Defesa*. 21 jun. 2016. Disponível em: <<https://tecnodefesa.com.br/fragata-independencia-ajuda-apreender-entorpecentes-no-libano/>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

SCHAURER, Florian; STÖRGER, Jan. Guide to the study of intelligence: the evolution of open source intelligence (OSINT). *Intelligencer: Journal of U.S. Intelligence Studies*, v. 19, n. 3, p. 53-56, 2013. Disponível em: <https://www.afio.com/publications/Schauer_Storger_Evo_of_OSINT_WINTERSPRING2013.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2020.

SCHAURER, Florian; STÖRGER, Jan. *OSINT Report. Defense*, v. 41, n. 0, p. 0-9, 2010. Disponível em <css.ethz.ch/.../pdfs/OSINT-Report-3.pdf>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

STEELE, Robert David. *On Intelligence: spies and secrecy in a open world*. 1. ed. Oakton: OSS International Press. 2001. 495 p.

STEELE, Robert David. *Open source intelligence*. In: JOHNSON, L. *Handbook of intelligence studies*. New York: Taylor e Francis eLibrary, 2007. p. 129-147.

TREMBLAY JR., Major Paul. *Shaping and Adapting: Unlocking the power of Colonel John Boyd's OODA Loop*. Disponível em: <<http://www.lesc.net/system/files/Shaping-and-AdaptingUnlocking-the-Power-of-Colonel-John-Boyd's-OOA-Loop.pdf>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

TZU, Sun. *A arte da guerra*. Tradução de Fátima Cristina Ferreira José. 3. ed. Rio de Janeiro: Ideia Jurídica, 2015. 125 p.

UNITED NATIONS. *United Nations Peacekeeping Missions Military Maritime Task Force Manual*. Set., 2015. 67 p.

UNITED NATIONS. *United Nations Peacekeeping. United Nations Peacekeeping Operations: principles and guidelines. international peacekeeping*, 2008. 100 p. Disponível em: <<https://peacekeeping.un.org/en>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

UNITED NATIONS. *United Nations Peacekeeping. Brahimi Report*. 2000. 58 p. Disponível em <<https://peacekeeping.un.org/en>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

UNITED NATIONS. *UNIFIL - United Nations Interim in Lebanon*. 22 out. 2019. Disponível em: <<https://unifil.unmissions.org/unifil-maritime-task-force>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

UNITED STATES OF AMERICA. U.S. Department of Defense. Disponível em <<https://dod.defense.gov/>>. Acesso em: 04 Jul. 2020.

UNITED STATES OF AMERICA. *Joint Publication 2-0 - Joint Intelligence*. Out. 2013.

VEGO, Milan. *Joint Operational Warfare Theory and Practice, Historical Companion*. Newport: US Naval War College, 2009. 1481 p.

VEGO, Milan. *Operational Warfare at Sea. Theory and practice*. New York: Taylor & Francis eLibrary, 2009a. 231 p.

VISACRO, Alessandro. *A Guerra na Era da Informação*. São Paulo: Contexto, 2018. 224 p.

WILLIAMS, Heather J.; BLUM, Ilana. *Defining Second Generation Open Source Intelligence (OSINT) for the Defense Enterprise*. Santa Monica, CA: RAND Corporation,

2018. 48 p.